

seminário

MUSAS

EM AÇÃO

IV

ESPESSURA DA [IN]VISIBILIDADE: UMA FORÇA QUE VEM DE DENTRO

ORADORES

ANA MÂNTUA - ANA MARGARIDA DIAS MARTINS - ANA VALE - CARINA COELHO - CARLA MIGUELOTE - CLÁUDIA CAPELA
- DIOGO MARQUES - DIOGO MARQUES - ELIANE GOULART MAC GINITY - FERNANDA BERNARDO - HELENA I. LOPES
HUGO AMARAL - INÊS CARDOSO - JAQUELINE MORAES DE ALMEIDA - JOANA TEIXEIRA - LAURA ALVES - LÚCIA
EVANGELISTA - MAFALDA PEREIRA - MARGARIDA SIMÕES - MARIA DE FATIMA LAMBERT - MARIA LUÍSA COELHO -
MARIA LUÍSA TABORDA SANTIAGO - MARINELA FREITAS - MARTA CORREIA - MARTA REMA - NUNO RESENDE - RAQUEL
PELAYO - RENATA FRADE - RITA XAVIER MONTEIRO - RUI MAIA - SÓNIA DUARTE - TERESA FONSECA - VANESSA
BADAGLIACCA - VERA DIOGO - VIVIANA FERNÁNDEZ MARCIAL

MODERADORES:

ANA DA SILVEIRA MOURA - HUGO MONTEIRO - INÊS CARDOSO - LUÍSA MALATO - MARIA DE FÁTIMA LAMBERT - MARIA
MANUELA LOPES - MARINELA FREITAS - RICARD HUERTA

REITORIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO PORTO
- INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA MARGARIDA LOSA

U.PORTO

casa
comum

ESCOLA
SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
POLITÉCNICO
DO PORTO

U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

ILCML INSTITUTO DE LINGÜÍSTICA E COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL

fct Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

INSTITUTO
PERNAMBUCO-PORTO
BRASIL

IMAGEM: ROSANA RICARDE

Seminário Musas em Ação IV

Espessuras da [In]Visibilidade: Uma força que vem de dentro

26 e 27 de outubro; 4 de novembro 2023

DIA 1 | 26 DE OUTUBRO | CASA COMUM | REITORIA DA UNIV. DO PORTO

09h45 | ABERTURA INSTITUCIONAL

10h00-11h00 | [CONFERÊNCIA PLENÁRIA I](#)

Moderação: Hugo Monteiro (P. Porto – ESE / IF-FLUP)

Fernanda Bernardo (FLUC - IEF)

“O Feminino – o acolhedor por excelência. A diferença sexual em desconstrução”

COFFEE BREAK

11h15-13h00 | **MESA 1**

[Mulheres: E Contudo, Elas Moveram-se na Academia e nos Museus](#)

Moderação: Luísa Malato

Ana Vale (FLUP- CITCEM/REMA)

“As mulheres em Pré-história. A representação empobrecida da maternidade em espaços museológicos”

Sónia Duarte (Univ. NOVA de Lisboa - CESEM)

“Só tenho pena de não estar representada no Museu de Arte Contemporânea: iconografia musical pintada por quatro mulheres portuguesas na transição do século XIX para o século XX”

Raquel Pelayo (FBAUP/ i2ADS) / **Teresa Fonseca** (FAUP- CEAU)

“Aurélia e Sofia de Souza: A arte de contornar a discriminação de género na academia portuense de belas artes”

Maria de Fatima Lambert (P.Porto – ESE/INED)

“THE SPOT de Marguerite Tollemache: quarto(s) IMS com vista para o Rio de Janeiro”



ALMOÇO

14h30-16h15 | MESA 2

Mulheres: Escrita e Resistência I

Moderação: Marinela Freitas

Nuno Resende (FLUP - CITCEM)

“Uma mulher na Tebaida”

Maria Luísa Taborda Santiago (FLUP- ILCML)

“Ana Plácido e a legitimidade da escrita em Meditações literárias”

Jaqueline Moraes de Almeida (FLUC/CEIS20)

“Unimo-nos, todas, numa só luta”: o legado libertário de Júlia Cruz”

Ana Mântua (Casa-Museu Fernando de Castro / MNSR)

"Nevada, a herdeira americana da família Real Portuguesa"

COFFEE BREAK

16h30-18h00 | MESA 3

Mulheres: Musas na Era Digital

Moderação: Maria Manuela Lopes

Renata Frade (Univ. Aveiro / Univ. Porto)

“Mulheres em Tecnologia: de uma investigação doutoral a um projeto editorial e estudo de caso *Technofeminism*”

Viviana Fernández Marcial (FLUP-REMA) e **Júlia Reis Silva** (FLUP)

“Contributo dos recursos digitais para a igualdade de género e sua valorização na perspetiva das Ciências da Informação”

Vanessa Badagliacca (Univ. Málaga)

"Desorientar a compra. OBJECTOS PÓS-MODERNISTAS À VENDA NA FEIRA DA LADRA (2011), um projeto de Ana Pissarra em colaboração com Lara Portela"

Diogo Marques (FLUP - CODA / ILCML)

"Os olhos nas mãos, a cabeça no coração": comunicação-performance

PAUSA

18h10 – 19h30 | MESA 4

Mulheres: Raça, Classe e Género – Interseccionalidades

Moderação: Ricard Huerta

Cláudia Capela (ESEV- Politécnico Viseu)

“Don’t you stop me. I am dreaming. Então e agora (?): mulheres pelas mulheres, um diálogo interseccional”

Ana Margarida Dias Martins (Univ. de Exeter-ILCML)

“Casa Escrevivência: repensar o arquivo na obra de Conceição Evaristo”

Carla Miguelote (Univ. Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

“Mau lugar de fala, meu lugar de falha: (in)visibilidade lésbica dentro do feminismo e do ativismo queer”

APRESENTAÇÃO DA OBRA DA ARTISTA PLÁSTICA ROSANA RICALDE INSTALADA
NA CASA COMUM – REITORIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



DIA 2 | 27 DE OUTUBRO | ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO – POLITÉCNICO DO PORTO

09h15| **BOAS-VINDAS**

09h30-11h10 | **MESA 5**

Musas: “Ousadias” experimentais

Moderação: Ana Silveira Moura

Margarida Simões (Univ. Coimbra)

“A construtividade da desconstrução no experimentalismo de Ana Hatherly”

Joana Teixeira (FLUP)

“O papel da mulher portuguesa durante o Estado Novo - o estudo de *Novas Cartas Portuguesas*”

Inês Cardoso (FLUP - ILCML) e **Diogo Marques** (FLUP - CODA / ILCML)

“PARTO COMO-VIDA: Corpo, Tecnologia e Sociedade na Obra de Salette Tavares”

Lúcia Evangelista (Univ. do Porto - ILCML) e **Inês Cardoso** (Univ. do Porto - ILCML)

“A Dimensão Política dos Objetos Domésticos: Rer *Lex Icon* de Salette Tavares”

COFFEE BREAK

11h20 - 13h00 | **MESA 6**

Mulheres: Ativismos e Movimentos para a Paz

Moderação: Hugo Monteiro

Rita Xavier Monteiro (Univ. Minho - CEHUM)

“Lobas Serpentes Bruxas: da mercantilização da cura à resistência das corpos em Morena Cardoso”

Vera Diogo (ESE - P.Porto) / **Carina Coelho** (ESE – P. Porto) / **Laura Alves** (MUBi - Associação pela Mobilidade Urbana em Bicicleta)

“Mais Mulheres a Pedalar: um projeto corpo a corpo”

Marta Correia (FLUP - ILCML/CETAPS)

“Encontraremos as nossas próprias musas. Mulheres contra a guerra”

Eliane Goulart Mac Ginity (FLUC)

“Julieta da Graça Pinto do Espírito Santo: a primeira médica de São Tomé e Príncipe”



ALMOÇO

14h30-15h50 | MESA 7

Mulheres: E Contudo, Elas Moveram-se (Ideias, Atos e Obras)

Moderação: Maria de Fátima Lambert

Maria Luísa Coelho (Univ. Oxford-CEHUM)

“Na Casa de Celestina: Paula Rego e a re-visão e (des)construção de arquétipos de género”

Rui Maia (FLUP-CITCEM)

“Helena Almeida: um corpo em escrita(s) de resistência(s)”

Marinela Freitas (FLUP - ILCML)

“‘Vem sentar-te comigo, Elídio, à beira do rio’: As irmãs de Fernando Pessoa”

COFFEE BREAK

16h00-17h50 | MESA 8

Mulheres: Escrita e Resistência II

Moderação: Inês Cardoso

Mafalda Pereira (FLUP-ILCML)

“Desacertos binários: A importância do amor em Ana Luísa Amaral e Claudia Varejão”

Helena I. Lopes (FLUP - ILCML/CEI)

“Pequenas criaturas: antiespecismo na poesia de Adília Lopes e de Ana Luísa Amaral”

Marta Rema (Revista Electra)

“A recusa de não poder recusar”

Hugo Amaral (FLUC)

“Passagens da língua à *différance* sexual. Da tradução no feminino (Brossard) ao feminino em tradução (Derrida)”

PAUSA

18h00 -19h00 **CONFERÊNCIA PLENÁRIA II**

Moderação: Marinela Freitas (Univ. Porto - ILCML)

Fátima Outeirinho (FLUP – ILCML)

“Mulheres portuguesas em viagem, com livros de viagem: alguns apontamentos”

ENCERRAMENTO

4 DE NOVEMBRO – INSTITUTO PERNAMBUCO

Inauguração e conversa com a artista

EXPOSIÇÃO DE ROSANA RICALDE

Intervenção na Casa Comum da Reitoria da Univ. Porto e Exposição no Instituto de Pernambuco

Curadoria de Maria de Fátima Lambert



seminário
MUSAS
EM AÇÃO

10h00 – 11h00 **CONFERÊNCIA PLENÁRIA I**

“O Feminino – o acolhedor por excelência. A diferença sexual em desconstrução”

Fernanda Bernardo (FLUC - IEF)

Moderação: **Hugo Monteiro** (P. Porto – ESE/ IF-FLUP)

Fernanda Bernardo

“O Feminino – o acolhedor por excelência. A diferença sexual em desconstrução”

Bio:

Filosoficamente posicionada na Desconstrução, Fernanda Bernardo é professora de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – tem traduzido Jacques Derrida, Emmanuel Levinas, Jean-Luc Nancy, Maurice Blanchot e Hélène Cixous e é autora de diversos títulos de que aqui se lembram alguns: «Estrias dos dias. Uma poética da sobre-vivência e da resistência»; «Uma túnica sem costura. A arte po-ética de Sophia»; «Bêtises et Rêvasseries. Kafka, D.H. Lawrence et Derrida et le rêve d’un autre monde à-venir»; (com outros) Derrida lecteur de Heidegger. Après les Carnets Noirs ; «Espíritos da Justiça. Do Marxismo à Desconstrução – Derrida leitor de Marx»; Derrida – em nome da justiça; «De la Destruction à la Déconstruction: de la mort et de la peine de mort»; Derrida – o dom da différance.

Moderação - **Hugo Monteiro**

Hugo Monteiro (Porto, 1975) é professor na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. Doutorado em Filosofia, na especialidade de Filosofia Contemporânea, é investigador integrado no Instituto de Filosofia, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e investigador colaborador do INED-Centro de Investigação e Inovação na Educação. A sua investigação abrange principalmente as áreas da Desconstrução, do Pensamento e da Teoria Crítica da Educação. Com interesses de investigação diversificados, abrangendo a Estética, a Cultura e o diálogo interdisciplinar, tem publicações nacionais e internacionais no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, com especial enfoque filosófico nos trabalhos de Jacques Derrida e de Jean-Luc Nancy e com estudos e intervenção nos temas da Cidadania, da Ética, da Educação e da participação democrática. Entre os seus títulos principais, destaque para os livros Migrações e Hospitalidades. Crítica do cosmopolitismo nas fronteiras do século (2022); A literatura nos limites da filosofia. Escrita e pensamento em Maurice Blanchot; Musas em Ação – Personalidades, ideias e obras (em co-autoria); Direitos da Crianças Interpretados pelos Adultos. A propósito dos 30 anos da Convenção dos Direitos das Crianças (em co-autoria); InfantiCidades-Pelo Direito a Brincar (em co-autoria). Foi também co-tradutor do livro de Jean-Luc Nancy, O peso de um pensamento, a aproximação.

Mulheres: E Contudo, Elas Moveram-se na Academia e nos Museus

Ana Vale (FLUP- CITCEM/REMA)

“As mulheres em Pré-história. A representação empobrecida da maternidade em espaços museológicos”

Sónia Duarte (Univ. NOVA de Lisboa - CESEM)

”Só tenho pena de não estar representada no Museu de Arte Contemporânea: iconografia musical pintada por quatro mulheres portuguesas na transição do século XIX para o século XX”

Raquel Pelayo (FBAUP/ i2ADS) e **Teresa Fonseca** (FAUP- CEAU)

“Aurélia e Sofia de Souza: A arte de contornar a discriminação de género na academia portuense de belas artes”

Maria de Fatima Lambert (P.Porto – ESE/INED)

“THE SPOT de Marguerite Tollemache: quarto(s) online com vista para o Rio de Janeiro”

Moderação: **Luísa Malato**

Ana Vale

“As mulheres em Pré-história. A representação empobrecida da maternidade em espaços museológicos”

Bio:

Ana Vale é arqueóloga e desenvolve o seu trabalho de investigação em Pré-história Recente da Península Ibérica, focando-se nas práticas de arquitetura sobretudo dos designados recintos murados calcolíticos. Paralelamente desenvolve um trabalho comprometido com a arqueologia do género, questionando as formas de representação da mulher no passado. É investigadora integrada no CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. Atualmente integra a equipa de investigadores do REMA – Research Management and Science Communication Hub, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Resumo:

Como se representam os seres humanos passados nos museus? Que corpos se desenham? Esta comunicação pretende apresentar alguns casos de espaços museológicos portugueses onde a mulher é representada a desempenhar tarefas diárias (as quais estão associadas a materiais e espaços específicos) que se creem naturais e universais, decorrentes do seu papel de mãe. É urgente a revisão crítica da explicação arqueológica de um passado androcêntrico que chegou aos espaços museológicos, consolidando uma narrativa estática baseada em preconceitos e imagens acríticas. Nestes contextos, a maternidade assenta no conceito de fertilidade (biológica) e é o elemento estruturador da identidade feminina durante a Pré-história. E, no entanto, estes corpos de mulheres desenhados nas paredes dos museus movem-se!

Palavras-chave: Pré-história, museus, maternidade, representação

Abstract:

How are past human beings represented in museums? What sort of bodies are depicted? This paper aims to present several case studies from Portuguese museums where women are represented performing daily tasks (associated with specific materials and spaces) believed to be natural and universal and stemming from their roles as mothers. It is urgent to critically review the androcentric past that has made its way into museums, consolidating a static narrative based on prejudices and uncritical images. In these contexts, motherhood has been understood in terms of (biological) fertility and still stands as the structuring element of female identity during prehistoric times. And yet their bodies move in resistance!

Keywords: Prehistory, museums, motherhood, representation

Sónia Duarte

” Só tenho pena de não estar representada no Museu de Arte Contemporânea: iconografia musical pintada por quatro mulheres portuguesas na transição do século XIX para o século XX”

Bio:

Investigadora, dedica-se ao estudo da iconografia musical na pintura portuguesa. É doutoranda em História da Arte, na FLUL, com um projecto financiado pela FCT (SFRH/BD/118103/2016). Mestre em Musicologia Histórica (FCSH/NOVA) e mestre em Ensino da Educação Musical (ESE/IPP). Integra o projecto internacional «Musical Iconography and Organology: research and transfer (IconOrg)» da UCM – Universidad Complutense de Madrid (2023-2026). Em 2018 obteve uma bolsa de estudos do Museo Nacional del Prado no âmbito do projecto «La pintura holandesa en el contexto de las escuelas europeas del siglo XVII» e, em 2021, integrou o projecto «Iconografia Musical y Organologia: contextos, simbologia, instrumentos» também da UCM (HAR-PGC2018-099669-B-100). É investigadora do CESEM/NOVA, colabora com o ARTIS/FLUL, é consultora para a pintura e a iconografia musical no Museu Nacional da Música e integra a bolsa de especialistas da DGARTES.

Resumo:

«Só tenho pena de não estar representada no Museu de Arte Contemporânea» é um desabafo centenário – mas pleno de actualidade – de Emília dos Santos Braga (1867-1949), numa das muitas entrevistas que dá a um jornal coevo. Oriunda de berço da classe média, filha de um cirurgião militar, neta do compositor, organista e professor ao serviço da Casa Real de nome Manuel Inocêncio Liberato dos Santos, Emília aprendera música, quisera ser cantora, fora pintora e professora de desenho e de pintura com atelier aberto em Lisboa. Entre as suas discípulas da elite lisboeta, contam-se: Eduarda Lapa, Milly Possoz ou Maria Helena Vieira da Silva. Pressupõe-se, nesta frase, vários entendimentos que marcariam a sua carreira profissional e artística. O primeiro entendimento é o de que não foi devidamente reconhecida em vida, sendo repetidamente titulada como discípula de Malhoa. O segundo entendimento, o de que não tendo cursado na Académie Julian ou na Académie de Beaux-Arts, ambas em Paris, por ausência de recursos financeiros suficientes, e para onde habitualmente ia cursar a elite feminina na transição da centúria, até porque o desabafo continua «[...] onde há trabalhos d’algumas das minhas discípulas». Seja como for, Emília dos Santos Braga é

pioneira, como veremos melhor, em tirar o retrato de mulheres músicas que tangem harpa com habilidade ou que afinam o seu bandolim, comprovando-lhes o domínio dos preceitos da música. Outras mulheres pintoras destacam-se, igualmente, na representação da iconografia musical no feminino. São elas: Zoé Wauthélet [Batalha Reis] (1867-1949) ou Laura Sauvinet Bandeira (1876-1973). Se as anteriores não se moveram com folga nos Museus, a quarta mulher que convocamos, Sofia Martins de Souza (1870-1960), conheceu bem a Academia e está presente nos Museus. É também a sua iconografia musical que abordaremos no sentido de responder a várias questões que nos preocupam no momento: Que instrumentos musicais estão representados? Qual a relação da mulher pintora de música com os elementos musicais que pinta? Qual o contributo da iconografia musical para um melhor entendimento da mulher música e da mulher pintora em Portugal na transição da centúria?

Palavras-chave: iconografia musical; mulheres pintoras; pintura portuguesa; século XIX; século XX.

Referências bibliográficas:

Castro, Z. O. & Esteves, J. (2004). Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX). Lisboa: Livros Horizonte.

Duarte, S. (2021), Portraits of male and female musicians in 18th and 19th centuries in Portuguese paintings. In L. C. Castilho, R. Dias & J. F. Pinho (Eds.), Perspectives on Music, Sound and Musicology - Current Research in Systematic (s/p.). Berlin: Springer.

França, J.-A. (1990). A arte em Portugal no século XIX. Vol. 1. Lisboa: Livraria Bertrand.

França, J.-A. (2009). A arte em Portugal no século XX. Vol. 2. Lisboa: Livraria Bertrand.

Leandro, S. (2005). Zoé Wauthélet Batalha Reis. In Z.O. de Castro & J. Esteves (Dir.). Dicionário no feminino. (pp. 903-904). Lisboa: Livros Horizonte.

Saldanha, N. (2006). Emília dos Santos Braga (1867-1949). Um triunfo no feminino. Margens e Confluências – Um olhar contemporâneo sobre as artes. 11(12): 125-137.

Silva, R. H. da (1994). Museu do Chiado: arte portuguesa 1850-1950. Lisboa: Instituto Português de Museus – Museu do Chiado.^[1]_{SEP}

Silveira, M. de A. (2011). Arte portuguesa do século XIX (1850-1910). Lisboa: Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado.

^[1]_{SEP} Vicente, F. L. (2012). A arte sem história. Mulheres e cultura artística. Lisboa: Babel.

Vicente, F. L. (2016). Aurélia de Sousa, Mulher Artista. 1866-1922. Lisboa: Tinta da China.

Raquel Pelayo e Teresa Fonseca

“Aurélia e Sofia de Souza: A arte de contornar a discriminação de género na academia portuense de belas artes”

Bio:

Maria Raquel Pelayo concluiu o Doutoramento em Ciências da Educação em 2009 pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UP, Mestrado em História da Arte em 1999 pela Faculdade de Letras da UP e Licenciatura em Pintura em 1992 pela Faculdade de Belas Artes da UP. Professora Auxiliar da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Publicou 14 artigos em revistas especializadas. Tem 3 livros publicados. Recebeu 1 distinção internacional do IBHS - International Bibliography of Historical Sciences. É Investigador integrado no i2ADS-FBAUP, Instituto de Investigação em Design, Arte e Sociedade. Atua na área de Humanidades com ênfase em História da Arte, Desenho e Educação Artística.

Maria Teresa Fonseca concluiu o Título de Agregado em Arquitetura em 2018 pela Universidade do Porto Faculdade de Arquitetura, Doutoramento em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto em 1997/03, Diploma de Arquitetura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto em 1980. Professora Jubilada Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Publicou 3 artigos em revistas especializadas. Possui 14 capítulos de livros. Recebeu 8 prémios e/ou homenagens. É investigador integrado no CEAU-FAUP, Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo. Atua na área de Humanidades com ênfase em Arquitetura, Urbanismo e Design.

Resumo:

Aurélia de Souza (1866-1922) e Sofia de Souza (1870-1960) são duas irmãs pioneiras mulheres-artistas portuguesas cujas obras pictóricas começaram a ser reconhecidas em finais do século XX. A sua formação passou por três etapas: o ensino particular de desenho e pintura, os Cursos completos de Desenho Histórico e incompletos de Pintura Histórica na Academia Portuense de Bellas-Artes (APBA) e frequência da parisiense Academia Julian em 1899-1900 sendo pouco claras as circunstâncias desse percurso para a obtenção do estatuto profissional de pintoras num mundo patriarcal. A presente investigação incide sobre os seus percursos escolares na APBA, até à data por explorar, com o foco na discriminação de género. Incide-se a comunicação que propomos nas razões de fundo que terão assistido às grandes decisões de entrada e abandono da APBA num momento histórico em que as academias se abriam muito paulatinamente à frequência das primeiras mulheres. A inscrição tardia na APBA em 1893 e o seu

abandono em 1898-99 são explicados em função dos impedimentos às alunas, então vigentes. A primeira, absolutamente desconhecida, diz respeito à aula de modelo vivo e depois da aula do nu. Discriminações estas que nunca foram claramente assumidas pela APBA, mas que a investigação que realizamos vem comprovar univocamente, por via da reunião de múltiplos indícios provenientes da análise da documentação existente na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e também das obras da coleção do Museu de Soares dos Reis. A comunicação (e o artigo que já está pronto) constituem, não só um relevante contributo para a história da Academia Portuense de Belas Artes, como também para a historiografia das artistas portuenses da viragem do século Aurélia e Sofia de Souza.

Palavras-Chave: Aurélia de Souza, Sofia Martins de Souza, Academia Portuense de Belas Artes, academias (desenho do nú), Mulheres Artistas.

Abstract:

Aurélia de Souza (1866-1922) and Sofia de Souza (1870-1960) were two pioneering Portuguese women artists whose artwork began to be recognized towards the end of the 20th century. Their training went through three stages: the private teaching of drawing and painting, the complete Historical Drawing and incomplete Historical Painting courses at the Academia Portuense de Bellas-Artes (APBA), and attendance at the Parisian Julian Academy in 1899-1900. The circumstances of this path to obtaining professional status as a painter in a patriarchal world are unclear. This research looks at their schooling at the APBA, which to date has not been explored, focusing on gender discrimination. The communication we are proposing focuses on the reasons behind the significant decisions to enter and leave the APBA at a time when the academies were gradually opening up to the first women. The late enrolment in the APBA in 1893 and its abandonment in 1898-99 can be explained in terms of the restrictions on female students that were in force at the time. The first, absolutely unknown, concerned the live model class and then the nude class. The APBA has never assumed these discriminations. However, the research we have carried out proves them unequivocally by bringing together multiple pieces of evidence from analyzing the existing documentation at the Faculty of Fine Arts of the University of Porto and also the works in the collection of the Soares dos Reis Museum. The paper (and the already-ready article) are an essential contribution to the Academia Portuense de Belas Artes's history and the historiography of the turn-of-the-century Porto artists Aurélia and Sofia de Souza.

Keywords: Aurélia de Souza, Sofia Martins de Souza, Academia Portuense de Belas Artes, Nude Academic Drawing, Life Drawing, Women-artists.

Maria de Fatima Lambert

“THE SPOT de Marguerite Tollemache: quarto(s) online com vista para o Rio de Janeiro”

Bio:

Maria de Fátima Lambert nasceu, vive e trabalha no Porto. Doutorada em Estética (Filosofia) - Faculdade de Filosofia de Braga/ Universidade Católica Portuguesa. Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação / Politécnico do Porto, onde coordena a licenciatura Gestão do Património e o Mestrado Património, Artes e Turismo Cultural. Bolseira FCT projeto “Writing and Seeing” (2000-2004). Coordena a linha investigação “Cultura, Artes e Educação do InED - Centro de Investigação e Inovação em Educação, de que foi diretora até 2017. Membro da AICA (Portugal). Curadora Independente, privilegiando o eixo Portugal-Brasil-Espanha. Keynote Speaker, autora de vários livros, monografias e de textos em revistas científicas.

Resumo:

Desenvolve-se investigação, desde 2011, por recurso a busca online, aplicando uma metodologia recorrente, que incide sobre artistas-autores/as-viajantes, com produção iconográfica e escrita. Visitam-se os mesmos sites periodicamente, auscultando as eventuais mudanças e adições de dados. Elaborou-se uma lista, que se avolumou significativamente nos últimos três anos. Por outro lado, os estudos académicos sobre artistas-viajantes incrementaram-se, dispersos por distintos websites open access. Numa concatenação regularizada, as pesquisas centram-se sobretudo em plataformas digitais qualificadas, casos de Dora Wordsworth e sua viagem a Portugal (1845-1846), e das viajantes ao Brasil, distinguindo as inglesas Maria Graham (1821-1825) e Marguerite Tollemache (1853-1855), ambas residindo no Rio de Janeiro. Esta última, dedicou-se ao desenho, procedendo a registos meticulosos, “excertos” de paisagem/natureza, destacados entre o vasto panorama alcançado. A sua obra encontra-se em plataformas institucionais, destacando os sites da Brasileira Iconográfica (BI) (<https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20211/marguerite-tollemache-uma-mulher-viajante>) que remete para o acervo iconográfico do Instituto Moreira Salles (IMS). Desde 2008, o Álbum Drawings of Rio de Janeiro (<https://ims.com.br/por-dentro-acervos/o-misterio-marguerite/>), pertença da coleção de Martha e Erico Stickel, integra o IMS. No site, a entrada intitula-se “O mistério Marguerite” (Millen, 2018) lendo-se: “Marguerite Tollemache é a única representante do sexo feminino no acervo de iconografia do IMS. E, com uma rara exceção, esses são

os trabalhos conhecidos da artista, ao menos publicamente”. Entre as 40 imagens presentes online, surpreendem as vistas desde “The Spot” (Petrópolis), designadamente, as feitas a partir do interior da casa. Neste equacionamento, *A Room of One’s Own* (Virginia Woolf, 1929) assomou, tomado numa perspetiva inesperada, e suscitando o aprofundamento relacional de enfoques disciplinares - iconografia, estética e antropologia. Entendem-se as aceções, salvaguardado tempo-espaço do lugar da observadora que regista as “vistas”, a sua disponibilidade online e o facto de ser a única artista-mulher no acervo. Em que quartos para si mesma se reside hoje e em que habitam as imagens de outrem?

Palavras-chave: Marguerite Tollemache; desenhista-mulher; desenho.

Abstract:

Online research has been applied as recurring methodology, since 2011, when identifying and analyzing artist-authors/travelers - iconographic and written production. The same websites are visited periodically, looking for any changes and additions to data. A list of women-traveler-artist was drawn up, being expanded significantly over the last three years. On the other hand, academic studies on traveling artists have increased, spread across different open access websites. In a regularized concatenation, the research access qualified digital platforms, as for Dora Wordsworth and her *Journey to Portugal* (1845-1846), travelers to Brazil, distinguishing the English women Maria Graham (1821-1825) and Marguerite Tollemache (1853-1855), both residing in Rio de Janeiro. The latter dedicated herself to drawing, making meticulous records, “excerpts” of landscape/nature, highlighted among the vast panorama achieved. Her work can be found on institutional platforms, highlighting the websites of *Brasiliana Iconográfica* (BI) (<https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20211/marguerite-tollemache-uma-mulher-viajante>) which refers to the iconographic collection of the Moreira Salles Institute (IMS). Since 2008, the *Album Drawings of Rio de Janeiro* (<https://ims.com.br/por-dentro-acervos/o-misterio-marguerite/>), part of the collection of Martha and Erico Sticckel, has been part of the IMS. On this website, the entry is titled “The Marguerite mystery” (Millen, 2018): “Marguerite Tollemache is the only female representative in the IMS iconography collection. And, with one rare exception, these are the artist’s known works, at least publicly.” Among the 40 images present online, the views from “The Spot” (Petrópolis) are surprising, namely those taken from the interior of the house. In this equation, *A Room of One’s Own* (Virginia Woolf, 1929) appeared, taken from an unexpected perspective, and raising the relational deepening of disciplinary approaches - iconography, aesthetics and anthropology. The meanings are understood, safeguarding

time-space of the place of the observer who records the “sights”, her availability online and the fact that she is the only female artist in the collection. In which rooms do you live for yourself today and in which do the images of others live?

Keywords: Marguerite Tollemache; female drawing-artist; drawings-registers; interior-room-exterior; digital platforms and accessibility.

Moderação - **Luisa Malato**

Maria Luísa Malato é Professora Associada c/ Agregação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. A sua tese de doutoramento sobre a obra inédita de Catarina de Lencastre, 1.º Viscondessa de Balsemão, autora muito conhecida na segunda metade do século XVIII e esquecida ao longo dos séculos XIX e XX, permitiu-lhe uma alargada reconsideração do que foi sendo a chamada "escrita feminina". Partiu de um manuscrito com 60 sonetos e deixou, no prelo da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, uma obra com 1000 páginas desta escritora, nas áreas da Poesia e do Teatro.

seminário
MUSAS
EM AÇÃO

Mulheres: Escrita e Resistência I

Nuno Resende (FLUP - CITCEM)

“Uma mulher na Tebaida”

Maria Luísa Taborda Santiago (FLUP- ILCML)

“Ana Plácido e a legitimidade da escrita em Meditações literárias”

Jaqueline Moraes de Almeida (FLUC/CEIS20)

“Unimo-nos, todas, numa só luta”: o legado libertário de Júlia Cruz”

Ana Mântua (Casa-Museu Fernando de Castro / MNSR)

"Nevada, a herdeira americana da família Real Portuguesa"

Moderação: **Marinela Freitas**

Nuno Resende

“Uma mulher na Tebaida”

Bio:

Nuno Resende (Cinfães, 1978) Historiador e Historiador da Arte. Professor no DCTP - Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, desde 2013. Licenciado em História, pela Universidade do Minho; mestre em Estudos Locais e Regionais e doutor em História da Arte, pela Universidade do Porto. Tem obra publicada no âmbito da História (biografia, demografia e estudos locais), História da Arte (estudos do Barroco, iconografia e arte religiosa e fotografia), assim como trabalhos propedêuticos e de divulgação cultural em várias áreas.

Resumo:

A obra de Henriqueta Elisa, nome literário de Henriqueta Elisa Pereira de Sousa (1843-1886), marcou o panorama cultural do seu tempo, chegando a receber a atenção de Antero de Quental (1865). O bibliófilo Rodrigo Veloso designou-a «poetisa por então muito festejada, sobretudo em Coimbra». Autora de uma obra relativamente extensa - dois livros, uma colectânea de romances e um livro de poesias-, afora a contribuição em vários periódicos, a sua projecção quer em vida, quer além dela, ficou atrás de outras mulheres do seu tempo, como Amélia Janny e Maria da Felicidade do Couto Browne. Talvez o facto de viver afastada dos círculos sociais e culturais de então, no Lodeiro (freguesia de Oliveira do Douro, hoje concelho de Cinfães), de onde assinava a maior parte das suas obras, justifique este afastamento. Alberto Pimentel chama ao lugar uma espécie de «Tebaida» duriense e lamenta que a sua morte, na Foz do Douro, em 1886, passasse despercebida. Através da crítica, literária e jornalística, cruzada com elementos biográficos publicados e inéditos, procuramos reconstituir metodologicamente o perfil literário desta figura cuja vida se desenrola entre a segunda e a terceira gerações do Romantismo Português (1840-1870), tentando explicar a sua ausência nas Histórias de Literatura Portuguesa.

Palavras-chave: poetisa, novelista, crítica, Romantismo, método biográfico

Abstract:

The work of Henriqueta Elisa, the literary name of Henriqueta Elisa Pereira de Sousa (1843-1886), marked the cultural panorama of her time, even receiving the attention of Antero de Quental (1865). The bibliophile Rodrigo Veloso described her as "a poet who was much celebrated at the time, especially in Coimbra". Author of a relatively extensive oeuvre - two books, a collection of novels and a book of poetry - apart from her contributions to various periodicals, her prominence both in life and beyond lagged other women of her time, such as Amélia Janny and Maria da Felicidade do Couto Browne. Perhaps the fact that she lived away from the social and cultural circles of the time, in Lodeiro (parish of Oliveira do Douro, now municipality of Cinfães), from where she signed most of her works, justifies this distance. Alberto Pimentel calls the place a kind of "Tebaida" and regrets that his death, in Foz do Douro, in 1886, went unnoticed. Through literary and journalistic criticism, combined with published and unpublished biographical elements, we seek to methodologically reconstruct the literary profile of this figure whose life unfolds between the second and third generations of Portuguese Romanticism (1840-1870), trying to explain his absence in the Histories of Portuguese Literature.

Keywords: poet, novelist, criticism, Romanticism, biographical method

Referências bibliográficas:

Pereira de Sousa, H. E. (1864). *Lgrimas e saudades: poesias*. Impr. da Universidade.

Pereira de Sousa, H. E., & Pinto de Almeida, A. E. (1863). *Scenas romanticas: collecção de romances originaes*. Impr. da Universidade.

Pimentel, A. [1888]. *Atravez do Passado*. Guillard Aillaud, E Cia.

Buescu, H. C., coord., & Boléo, F. P., rev. (1997). *Dicionário do romantismo literário português*. Caminho.

Maria Luísa Taborda Santiago

“Ana Plácido e a legitimidade da escrita em Meditações literárias”

Bio:

Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre e doutoranda em Estudos Literários Culturais e Interartísticos pela Universidade do Porto onde integra o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, como colaboradora no grupo Intersexualidades. Atualmente participa de um projeto de pesquisa Luso-Brasileiro que pretende publicar as obras completas da escritora portuguesa oitocentista Ana Plácido, objeto de estudo da sua tese de doutoramento.

Resumo:

Durante séculos o acesso das mulheres à educação e à literatura foi restringido, dificultando sua participação no mundo da escrita e do conhecimento. No entanto, as mulheres encontraram maneiras para tentar resistir a esta opressão e muitas utilizaram a escrita como ferramenta para contrapor as questões sociais de sua época. Este é o caso de Ana Plácido, escritora portuguesa do século XIX que nasceu no Porto e morreu em Vila Nova de Seide. Começou a publicar seus escritos na segunda metade do século XIX e participou ativamente da imprensa portuguesa e brasileira. Publicou apenas dois livros, mas legou ao país uma vasta obra que, ainda hoje, permanece inédita e aguarda por ser resgatada dos acervos públicos. Suas publicações incluem romances, crônicas, poemas, cartas, críticas e traduções. Nesta comunicação, debateremos a legitimidade da escrita em *Meditações*, um conjunto de sete textos escritos por Ana Plácido na época em que foi presa na Cadeia de Relação do Porto, acusada pelo crime de adultério. O que pode ser uma “autora”, quando os dicionários só registavam “autora” nos processos judiciais? Como atestar “legitimidade” ou até mesmo “autenticidade” da escrita sem recordar a ausência de uma legitimidade e até de uma autenticidade, numa época em que a mulher é a representação sexuada da “falsidade” e do “fingimento”? Estas são algumas questões que pretendemos debater ao longo desta comunicação.

Palavras-chave: Escrita, Legitimidade, Autoria Feminina, Século XIX, Portugal

Abstract:

For many times, women's access to education and literature was restricted, making it difficult for them to participate in the world of writing and knowledge. However, women found ways to resist to this oppression, and many of them used writing as a tool to

discuss social issues of their time. This is about Ana Plácido, a Portuguese writer from the 19th century, born in Porto and died in Vila Nova de Seide. She began publishing her writings in the second half of the 19th century and have an actively participated in the Portuguese and Brazilian press. She published only two books, but left to our country a vast body of work in literature that remains unpublished to this day, waiting to be rescued from public archives. Her publications include novels, chronicles, poems, letters, reviews, and translations. In this presentation, we will discuss about the legitimacy of writing in "Medidatações," a collection of seven texts written by Ana Plácido during the time that she was in the jail, Cadeia de Relação at Porto, accused of adultery. What can be an "author" when dictionaries only registered "autora" (as a female author) in legal processes? How can we attest to the "legitimacy" or even "authenticity" of writing without acknowledging the absence of legitimacy and authenticity in a time that women were seen as the sexual representation of "falseness" and "pretense"? These are some of the questions that we intend to discuss throughout this presentation

Key-words: Writing, Legitimacy, Female Authorship, Nineteen-Century, Portugal

Referências bibliográficas:

Alonso, Cláudia Pazos (2012). "Ana Plácido, uma escritora oitocentista exemplar". in: PretoV, Petar et al. (org.), *Avanços em Literatura e Cultura portuguesas. Da Idade Média ao século XIX*. Santiago de Compostela/Faro: Associação Internacional dos Lusitanistas e Através Editora, p. 249-266.

Amaral, Ana Luísa & Macedo, A. G. (Org.). (2005). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Afrontamento.

Oliveira, Paulo Motta (2014). "De construções e apagamentos. Camilo e Ana", in: Sérgio Guimarães de Sousa (org.) *Representações do feminino em Camilo Castelo Branco*, Vila Nova de Famalicão: Casa Camilo-Centro de Estudos, p. 229-249.

Silva, Fabio Mario (2022). *Ana Plácido e as representações do feminino no século XIX*, Uberlândia, MG: Tavares & Tavares.

Showalter, Elaine (1982). *A literature of their own - from Charlotte Bronte to Doris Lessing*. London: Princeton University Press.

Jaqueline Moraes de Almeida

“Unimo-nos, todas, numa só luta”: o legado libertário de Júlia Cruz”

Bio:

Jaqueline Moraes de Almeida é historiadora, graduada e mestra pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e, atualmente, é doutoranda em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra. Sua tese <<Não serei eu feminista? As disputas em torno da posição sujeito feminista, Portugal e Brasil (1889- 1930)>>, em desenvolvimento, é financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, a FCT – Ref.: 2022.09562.BD. Desde 2020, é investigadora colaboradora do Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra, o CEIS20. Em 2021, realizou um estágio acadêmico de curta duração na Universidad de Cádiz, financiado pela Asociación Universitaria Iberoamericana de Postgrado (AUIP). Seu mais recente artigo, <<Limites e possibilidades do feminismo português na primeira década do século XX, a partir da análise de 'Alma Feminina'>>, foi publicado no presente número da Revista de História das Ideias.

Resumo:

No contexto da 1ª República, e para além das associações femininas hoje conhecidas (como a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas), teriam existido outras iniciativas conduzidas por mulheres e, simultaneamente, interessadas no combate de algumas injustiças de gênero? Tal questão possibilitou que chegássemos à União de Mulheres Anarquistas (UMA), agrupamento de libertárias integrado inicialmente à Federação Anarquista da Região Sul e, mais tarde, à União Anarquista-Comunista. Segundo Freire e Lousada (2003: 124), a UMA dedicava-se “à propaganda emancipadora da mulher, mas sem passar pelo sufragismo, afastando-se por isso do feminismo republicano” representado, por exemplo, por Ana de Castro Osório. E, como uma coisa leva à outra, acabamos por conhecer melhor Júlia Cruz (Lisboa, 1886 – depois de 1954), que, no meio libertário, costumava ser caracterizada como a “companheira” de Bartolomeu Constantino. Apesar de nossos esforços, existem ainda muitas lacunas na narrativa sobre a trajetória da militante; a maior parte das informações que conseguimos recolher data do período entre 1913 e 1918, momento em que manteve certa constância, como escritora e propagandista, em periódicos libertários. Para formularmos hipóteses que possam explicar o(s) silenciamento(s) sobre Júlia Cruz, propomos um estudo historicizado sobre parte de sua produção textual, comparando esta, sempre que possível, a de outras

notáveis publicistas portuguesas do período. Do conteúdo coletado, conseguimos traçar o perfil público da professora primária e militante libertária, entre os seus 27 e 33 anos de idade: comprometida com seus ideais (educação racional, especialmente de crianças e mulheres; amor livre; maternidade consciente; combate à prostituição) e leal aos/às seus/suas companheiro(a)s de infortúnio e de luta. Assim, gostaríamos de repetir o questionamento feito por anarcofeministas (LUDMILA et al., 2021) que estudaram a trajetória da brasileira Maria Antónia Soares (1898-1991): o que nós, hoje, podemos aprender com o legado de mulheres anarquistas?

Palavras-chave: Júlia Cruz; União das Mulheres Anarquistas; imprensa libertária; anarcofeminismo

Abstract:

During the First Republic, beyond female associations like the Liga Republicana das Mulheres Portuguesas and Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, could there have been other initiatives directed by women and, at the same time, interested in the combat of some gender injustices? That question introduced us to União das Mulheres Anarquistas (UMA), an anarchist women's group associated with the Federação Anarquista da Região Sul and later with União Anarco-Comunista. According to Freire and Lousada (2003: 124), the UMA was dedicated to fighting for woman's emancipation, but without suffragism ideology, different from republican feminism represented by Ana de Castro Osório, for example. And then we knew Júlia Cruz (Lisbon, 1886 – after 1954), who used to be characterized as Bartolomeu Constantino's wife by anarchists. Despite our efforts, there are many gaps to be filled in Julia's trajectory narrative. The most information we have are from a period between 1913 and 1918 when she worked in the libertarian press as a writer and publicist. In order to develop some hypothesis that could explain the silences about Júlia Cruz, we propose a historicized study of part of her textual production, comparing this to textual production by other Portuguese women publicists from the same time. From the sources collected, we traced the public profile of Júlia, when she was a primary school teacher and anarchist militant (age between 27 and 33 years): she was committed to her ideals (rational education, especially to children and women; free love; conscious motherhood; combatting prostitution) and she was loyal to her colleagues of misfortunes and struggle. That way, we can repeat a question made by Brazilian women scholars who studied the trajectory of Maria Antônia Soares: what can we learn from the anarchist women's legacy?

Keywords: Júlia Cruz; União das Mulheres Anarquistas; anarchist press; anarchofeminism

Referências bibliográficas:

Freire, J., & Lousada, M. A. (2013). Roteiros da memória urbana—Lisboa: Marcas deixadas por libertários e afins ao longo do século XX. Colibri.

Ludmila, A., & et al. (2021). Unidas nos lancemos na luta: O legado anarquista de Maria A. Soares. Tenda de Livros.

Ana Mântua

"Nevada, a herdeira americana da família Real Portuguesa"

Bio:

Ana Anjos Mântua é licenciada em História, variante de História da Arte, e pós-graduada em Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É Coordenadora da Casa-Museu Fernando de Castro, no Porto, desde 2021. Foi coordenadora da Casa-Museu Anastácio Gonçalves, investigação e curadoria de exposições no Mosteiro dos Jerónimos/Torre de Belém e Museu Nacional do Azulejo. Publicou uma série de artigos científicos nas áreas do património e do colecionismo, nomeadamente "Nevada, a herdeira americana da Família Real portuguesa", ARTIS - Revista de História da Arte e Ciências do Património, N.º 2, 2014. Em 2016, em parceria com Maria de Aires Silveira, recebeu a Menção Honrosa do Grémio Literário pelo catálogo e exposição "Fórmulas Naturalistas da Arte Moderna". Em 2017, com a chancela Manuscrito/Presença, publicou o romance histórico, Nevada a americana que queria ser rainha de Portugal, com reimpressão e novo lançamento em Agosto de 2023.

Resumo:

Após a morte do Infante D. Afonso, Duque do Porto, a viúva, a americana Nevada Stoodly Hayes, deslocou-se a Lisboa com o objetivo de o trasladar para o panteão dos Braganças, no Mosteiro de São Vicente de Fora, e tomar posse da herança que lhe fora deixada pelo marido através de testamento, lavrado no Consulado português em Madrid, por casamento celebrado a 23 de novembro de 1917. Com a conclusão do processo de habilitação de herdeiros e o pagamento dos impostos inerentes, apesar das vozes críticas que se levantavam na imprensa, Nevada levou de Portugal para a sua residência, nos Estados Unidos da América, os bens que constituíam a herança, mantendo-os como uma coleção coesa e sem nunca os alienar. Após a morte, em 1941, os herdeiros iniciaram a venda das peças e, dois anos mais tarde, começaram assurgir as primeiras notícias sobre a sua existência, qualidade e singularidade. Percorrendo caminhos por vezes longos e atribulados, conseguimos identificar e localizar algumas delas e, bem assim, os colecionadores que as adquiriram.

Abstract:

Following the death of Infante D. Afonso, Duke of Porto, his widow, the American Nevada Stoodly Hayes , travelled to Lisbon aiming to transferring him to the pantheon of Braganzas and take possession of the legacy that had been left by her husband through a will, drawn up at the Portuguese Consulate in Madrid, by the marriage celebrated on the 23rd of November 1917. With the completion of the succession and the payment of the inherent taxes process, despite the critical voices that rose in the press, Nevada led from Portugal to her residence in the United States the art objects that were part of the heritage, keeping them as a cohesive collection never alienated. After her death, in 1941, her heirs began selling some parts of it, and two years later the first news about its existence, quality and uniqueness were turned public. Traversing paths sometimes long and troubled, we managed to identify and locate some of them and, also, that the collectors who acquired them.

Moderação - **Marinela Freitas**

Marinela Freitas é Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras do Porto. É membro da Direção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML), onde coordena a linha de investigação Intersexualidades. É autora de *Emily Dickinson e Luiza Neto Jorge: Quantas Faces?* (Afrontamento, 2014), pelo qual recebeu o Prémio PEN Clube - Ensaio 2015. Tem várias outras publicações na área da Literatura Comparada, dos Estudos Feministas e dos Estudos da Utopia. Desde 2015, integra a Equipa de Coordenação de *She Thought It: Crossing Bodies in Sciences and Arts*, uma base de dados dedicada a mulheres pioneiras nas áreas das ciências, das artes e da literatura (<https://shethoughtit.ilcml.com/>), alojada no ILCML.

Mulheres: Musas na Era Digital

Renata Frade (Univ. Aveiro / Univ Porto)

“Mulheres em Tecnologia: de uma investigação doutoral a um projeto editorial e estudo de caso Technofeminism”

Viviana Fernández Marcial (FLUP) e **Júlia Reis Silva** (FLUP)

“Contributo dos recursos digitais para a igualdade de género e sua valorização na perspetiva das Ciências da Informação”

Vanessa Badagliacca (Univ. Málaga)

"Desorientar a compra. OBJECTOS PÓS-MODERNISTAS À VENDA NA FEIRA DA LADRA (2011), um projeto de Ana Pissarra em colaboração com Lara Portela”

Diogo Marques (FLUP - CODA / ILCML)

"Os olhos nas mãos, a cabeça no coração": comunicação performance

Moderação: **Maria Manuela Lopes**

Renata Frade

“Mulheres em Tecnologia: de uma investigação doutoral a um projeto editorial e estudo de caso Technofeminism”

Bio:

Desenvolve investigação doutoral, na Universidade de Aveiro (Portugal), sobre feminismo e tecnologia, financiada pela FCT. Bacharel em Comunicação Social pela PUC-Rio (Jornalismo), Mestre em Letras pela UERJ. Presente como autora em 13 livros de ficção e não ficção de editoras brasileiras e internacionais como Unesp, Rocco, Springer, Patuá, Ria Editorial (Portugal), Livros LabCom.IFP (Univ. da Beira Interior, Portugal). Realizou cursos de UX pela California Institute of Arts e pela USP. Aluna do Prof. Dr. Henry Jenkins no M.I.T (transmedia). Colunista de veículos jornalísticos como Mídia Ninja, Digitalks e MobileTime. Keynote speaker em simpósios tecnológicos, como do Gartner.

Resumo:

A presente proposta de comunicação tem como objetivo apresentar a produção editorial do livro académico Tecnofeminismo: olhares contemporâneos multi e transdisciplinares sobre mulheres na tecnologia com base numa investigação científica realizada no âmbito de doutoramento nas Universidade de Aveiro e na Universidade do Porto. Serão abordados aspetos relacionados a mulheres em tecnologia a partir das pesquisas apresentadas pelas autoras, em segmentos como inteligência artificial, educação, género, artes, games, pessoas transexuais, justiça social e diversidade cultural, Design/Humano Computational-Interaction. O desenvolvimento da publicação é decorrente de uma investigação doutoral que pretende levantar propostas para mulheres em tecnologia a partir do trabalho de comunidades femininas tecnológicas. Resultados preliminares desta investigação em curso serão abordados.

Palavras-chave: Tecnofeminismo; STEAM; Mulheres na Tecnologia; Mercado Editorial; Comunidades online.

Abstract:

This communication proposal aims to present the editorial production of the academic book *Technofeminism: contemporary multi and transdisciplinary perspectives on women in technology* based on scientific research carried out as part of a doctorate at the University of Aveiro and the University of Porto. Aspects related to women in technology will be addressed based on research presented by the authors, in segments such as artificial intelligence, education, gender, arts, games, transgender people, social justice and cultural diversity, Design/Human Computational-Interaction.

The development of the publication is the result of doctoral that aims to raise proposals for women in technology based on the work of female technological communities. Preliminary results of this ongoing investigation will be discussed.

Keywords: Technofeminism; STEAM; Women in Tech; Publishing; Online Communities.

Referências bibliográficas:

Carroll, J. (2013). Human Computer Interaction – brief intro. In: Soegaard, Mads and Dam, Rikke Friis (eds.). *The Encyclopedia of Human-Computer Interaction*, 2nd Ed. Aarhus: The Interaction Design Foundation.

Frade, R.; Vairinhos, M. (2023). *Technofeminism: multi and transdisciplinary contemporary views on women in technology*. Aveiro: UA Editora.

Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. São Paulo: Aleph.

Wajcman, J. (2006). *El tecnofeminismo*. Madrid: Ediciones Cátedra.

Viviana Fernández Marcial e Júlia Reis Silva

“Contributo dos recursos digitais para a igualdade de género e sua valorização na perspectiva das Ciências da Informação”

Bio:

Viviana Fernández Marcial é coordenadora do Research Management & Science Communication Hub (REMA) na qualidade de investigadora principal. É Professora Titular(associada com agregação) desde o ano 2012 na área de Ciências da Informação na Universidade da Coruña (UDC). Inicia sua atividade docente na Universidad CEU-San Pablo (Madrid) trasladando-se á UDC no ano 2006. E doutora em Ciências da Documentação pela Universidad Carlos III de Madrid. Sua atividade investigadora se desenvolve em várias linhas sendo um elemento fulcral a comunicação científica com diversas publicações que abarcam também o campo da cultura científica. Membro de diversas comissões científicas de congresos(ex. European Conference on Information Literacy (ECIL), grupos de trabalho e comités editoriais. Membro da Comissão de Avaliação Externa (CAE) da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) nas áreas Bibliotecas, Arquivística e Documentação (2014-2015, 2021), e Humanidades Digitais (2022). No 2023 leccionou duas conferências internacionais por convite sobre recursos digitais e igualdade de género.

Júlia Reis Silva, depois do Ensino Secundário Artístico Especializado de Dança(Ginasio), frequentou a licenciatura de Arqueologia (FLUP) e é agora finalista da licenciatura de Ciência da Informação (FLUP) e candidata ao mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas(FLUP).O seu percurso laboral passa pelo campo da produção cultural, em eventos como o MIMO 2022 em que foi assistente de produção na pré- produção e produtora executiva do Espaço Reitoria. Integrou a comissão organizadora das XVIII, XIX e XX Jornadas da Ciência da Informação ad FLUP. Colabora com a unidade funcional da FLUP, o REMA.

Resumo:

Os recursos digitais sobre a igualdade de género tornam visíveis e valiosos os contributos das mulheres ao longo da história em todos os domínios do conhecimento e das atividades. Para além de melhorar a qualidade e a quantidade de informação sobre a igualdade entre homens e mulheres, põem em evidência as desigualdades existentes na sociedade. Com o avanço das humanidades digitais, proliferaram a nível internacional alguns recursos de particular interesse. Alguns exemplos são o She

Thought It Crossing Bodies in Sciences and Arts do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML) da Universidade do Porto, o Albúm de mulleres do Consello de Cultura Galega ou o Blog Mujeres con la Ciencia da Universidad del País Vasco que têm como objetivo resgatar do esquecimento, revelar e divulgar o legado das mulheres nas artes, na ciência e na sociedade. Women Film Pioneers, um recurso criado pela Universidade de Columbia, mostra como mais de 700 mulheres pioneiras do cinema mudo foram esquecidas. O Women Nobel Prize sistematiza as mulheres laureadas com o Prémio Nobel, 60 de um total de 989 laureados. Os recursos digitais são também um meio contra a desigualdade, mas também de perpetuação de preconceitos culturais e sociais (Bordalejo, 2018, Sey & Hafkin, 2019, Ibáñez, Arroyo & Collado, 2020). A investigação destaca o contributo de um conjunto de recursos digitais destinados a tornar visível o papel das mulheres, seleccionados com base num levantamento de cerca de uma centena de iniciativas. O objetivo é debater e refletir sobre o contributo destes recursos na perspetiva da gestão da informação, avaliando o papel das políticas de igualdade de género e das estratégias de informação e comunicação.

Palavras-chave: Igualdade de género, Políticas de igualdade de género, Recursos de informação, Plataformas digitais, Humanidades, Infoxicação.

Abstract:

Using digital resources for gender equality enables women throughout history to be made visible and valued in all areas of knowledge and work. Also, they allow for the improvement of the quality and quantity of information concerning gender equality, as well as highlighting social inequalities. A set of resources of particular interest have proliferated at the international level due to digital humanities advancements.. There are several examples, She Thought It Crossing Bodies in Sciences and Arts of the Margarida Losa Comparative Literature Institute (ILCML) of the Universidade do Porto, the Albúm de mulleres of the Consello da Cultura Galega, or the Blog Mujeres con Ciencia of the Universidad del País Vasco. They are all intended to rescue from oblivion, and reveal and spread the legacy of women in the arts, science, and society. Women Film Pioneers, a resource created by Columbia University, shows how more than 700 pioneers of silent cinema have remained forgotten. In accordance with the Women Nobel Prize, only 60 laureates were women out of a total of 989 nominees. Digital resources are also the stage to fight inequality while perpetuating cultural and social biases (Bordalejo, 2018, Sey & Hafkin, 2019, Ibáñez, Arroyo & Collado, 2020). The research highlights digital resources' contribution to making women's roles visible, selected based on a survey of about 100 initiatives. This paper discusses and reflects on these resources' contribution

from the information management perspective, emphasizing the importance of gender equality policies and information and communications.

Keywords: Gender equality, Gender equality politics, Information resources, Digital platforms, Digital Humanities, Infoxication.

Referências bibliográficas:

Bordalejo, B. (2018). Minority Report: The Myth of Equality in the Digital Humanities. *Bodies of Information: Intersectional Feminism and Digital Humanities*, 320-43.

Hafkin, N., Huyer, S. (2008). Women and Gender in ICT Statistics and Indicators for Development. *Information Technologies and International Development*. 4. 25-41. 10.1162/itid.2008.00006.

Ibáñez, M., Arroyo, L., Collado, C. (2020). Mujeres y digitalización. De las brechas a los algoritmos. 10.30923/MujDigBreAlg-2020

Vanessa Badagliacca

"Desorientar a compra. OBJECTOS PÓS-MODERNISTAS À VENDA NA FEIRA DA LADRA (2011), um projeto de Ana Pissarra em colaboração com Lara Portela"

Bio:

Vanessa Badagliacca é historiadora de arte e educadora. É doutorada em História da Arte pela FCSH-Universidade Nova de Lisboa e colabora atualmente com o grupo de investigação "Desnortadas. Territorios del género en la creación artística contemporanea" na Universidade de Málaga. A sua investigação académica, em interação com a sua prática curatorial, explora os enredos entre a vida vegetal, as questões ambientais e as práticas artísticas, com uma abordagem informada pela ciência, ecocrítica e novos materialismos, centrando-se principalmente na Península Ibérica e na América Latina a partir de uma perspetiva transnacional. Dedicar-se também à prática da edição e escrita para exposições e revistas.

Abstract:

In the context of a global financial crisis starting in 2008, whose consequences dragged on to the following years, and more visibly in 2011, Portugal was one of the most affected European countries. The subsequent austerity measures adopted had a severe impact on the cost of living for many people, significantly reducing their purchasing power, though attempting to adapt and resist the situation as they could. Ana Pissarra and Lara Portela used to go to the flea market Feira da Ladra in Lisbon and purchase second-hand items, which generally carry the fascination of their story with them. However, it would happen many times that they did not buy anything, and at some point, Lara, instead of showing Ana her buying, she began to tell what kind of objects had found in the flea market and did not buy. This practice became a habit, with Ana drawing what Lara saw at the flea market and after some time, they decided to bring this practice of storytelling about objects directly to that place that inspired them, through their performative act *Objectos Pós-modernistas à venda na Feira da Ladra* [Postmodernist Objects For Sale in Flea Market]. This operation, taking place for a few days in September 2011, was able to activate objects absent to the viewer's sight which become present through the artist's oral descriptions. In a specific space and with specific devices, the dematerialization of objects and their evocation in an intangible context, through this process, disoriented the purchase to enable ecologies of affects.

Keywords: objects – affect – ecology – installation – performance – site-specific

References:

HARAWAY, Donna J., *Staying with the Trouble. Making Kin in the Chtulucene*, Durham: Duke University Press, 2016

LATOUR, Bruno, "What Is the Style of Matters of Concern? Two Lectures in Empirical Philosophy", in Maria Puig de la Bellacasa, *Matters of Care. Speculative Ethics in More Than Human Worlds*, Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2017

OLIVEROS, Pauline, *Deep Listening. A Composer's Sound Practice*, New York: iUniverse, Inc., 2005.

Diogo Marques

"Os olhos nas mãos, a cabeça no coração"

Bio:

Diogo Marques é membro integrado do ILCML, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, e investigador no CODA – Centre for Digital Culture and Innovation (FLUP). Em 2018 doutorou-se em Materialidades da Literatura, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A sua tese centrou-se na análise de interfaces hápticas enquanto elementos expressivos em literatura computacional. Foi investigador de pós-doutoramento no IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (NOVAFCSH), no âmbito do projeto VAST: values across space & time (2020-21) e Bolseiro de Investigação na Fundação Fernando Pessoa, Porto (2018-2020). Coorganizou volume de ensaios Investigação-Experimentação-Criação: em Arte-CiênciaTecnologia (Porto: Edições FFP; 2020). É autor, curador e tradutor de (Ciber) literatura experimental e cofundador do coletivo ciberliterário d1g1t0 (wreading-digits.com). É membro do MATLIT LAB, Laboratório de Humanidades da Universidade de Coimbra; da Artech-Int – International Association of Computational Art; da ELO – Electronic Literature Organization; e da APEAA – Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos.

Resumo:

Na comunicação-performance “as mãos nos olhos, a cabeça no coração” procurarei combinar ciberpoesia de natureza combinatória e plagiotrópica com (re)leituras entrecortadas de autores como Mary Shelley, Monique Wittig, Simone de Beauvoir, Paul B. Preciado, Donna Haraway, ou McKenzie Wark, com vista a uma exploração multidisciplinar e multimodal da noção de corpo (feminino) e respetivas transformações operadas sobre este no eixo tecnologia-sociedade. “(...) Na diferença entre amar e desejar, amar implica uma proximidade que a distância do desejo ainda não permite. Amo? Ou desejo? Talvez as explicações da máquina não consigam nunca amar com as implicações que a vida contém. O corpo torna-se aquilo que deseja, e aquilo que deseja é produzido pela técnica. Numa dança entre corpo e tecnologia, o todo nem sempre é maior do que as partes. (...)”

Palavras-chave: Corpo; tecnologia; sociedade; ciberpoesia

Abstract:

In “as mãos nos olhos, a cabeça no coração,” I will seek to combine cyberpoetry of a combinatory and plagiotropic nature with intercut (re)readings of authors such as Mary Shelley, Monique Wittig, Simone de Beauvoir, Paul B. Preciado, Donna Haraway, or McKenzie Wark, with the aim of conducting a multidisciplinary and multimodal exploration of the notion of the (female) body and the respective transformations that occur within it within the axis of technology-society. “(...) In the difference between loving and desiring, love implies a closeness that the distance of desire still does not allow. Do I love? Or do I desire? Perhaps the explanations of the machine can never love with the implications that life contains. The body becomes what it desires, and what it desires is produced by technique. In a dance between body and technology, the whole is not always greater than the sum of its parts. (...)”

Keywords: Body; Technology; Society; Cyberpoetry.

Referências bibliográficas:

De Beauvoir, S. (2015). *O Segundo Sexo* (trans. Sérgio Milliet). Lisboa: Quetzal.

Haraway, D. J. (2022). *Um Manifesto Ciborgue | O Manifesto das Espécies de Companhia* (trans.

A. M. Chaves). Lisboa: Orfeu Negro.

Shelley, M. (2018). *Frankenstein: the 1818 text*. Penguin.

Wark, M. (2022). *Um Manifesto Hacker* (trans. F. Nunes). DeStrauss.

Wittig, M. (1973). *Le Corps Lesbien*. Paris: Les Editions de Minuit.

Preciado, P. B. (2021). *Can the Monster Speak?: Report to an Academy of Psychoanalysts*. MIT Press.

Moderação: **Maria Manuela Lopes**

Mulheres: Raça, Classe e Género – Interseccionalidades

Cláudia Capela (ESEV- Politécnico Viseu)

“Don’t you stop me. I am dreaming. Então e agora (?): mulheres pelas mulheres, um diálogo interseccional”

Ana Margarida Dias Martins (Univ. de Exeter-ILCML)

“Casa Escrivência: repensar o arquivo na obra de Conceição Evaristo”

Carla Miguelote (Univ. Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO UNIRIO)

“Mau lugar de fala, meu lugar de falha: (in)visibilidade lésbica dentro do feminismo e do ativismo queer”

Moderação: **Ricard Huerta**

Cláudia Capela

“Don’t you stop me. I am dreaming. Então e agora (?): mulheres pelas mulheres, um diálogo interseccional”

Bio:

Cláudia Capela é doutorada em Estudos Literários pela UTAD e tem-se dedicado ao estudo da literatura contemporânea, em particular à problematização da voz narrativa e da personagem enquanto sujeitos de enunciação, tendo escrito sobre Miguel Torga, Agustina Bessa-Luís, Maria Velho da Costa, H. G. Cancela e Madalena Castro Campos. Interessa-se pelos estudos de género, ecocrítica e literatura comparada.

Resumo:

Katerina Gógou. Alice Rohrwacher. Atenas, 1940, Fiesole, 1982. Na Exárkhia, em desconstrução do sujeito fragmentado pós-moderno, desafiando as oposições binárias da hegemonia patriarcal capitalista, Gógou temia tornar-se poeta. Mas, e mulher? No coração da pólis e do espaço urbano, de que forma Katerina Gógou constrói um discurso plural adverso às assimetrias e contrariedades dos mitos institucionais, problematizando as identidades de género e as diferenças sociais? Nesse substrato das dinâmicas de género e de classe, como leem, os filmes de Rohrwacher, a mulher num mundo pós-humano que parece reconhecer-se em falta na sua referência ecossistémica? Em círculos urbanos, em espaços rurais, como se move a paisagem humana e que tipo de constrangimentos e hierarquias nos são dadas a conhecer aí, num tecido em que o ficcional se inspira no documental e se enfatiza o fantástico como um lugar simultaneamente fora e dentro do mundo? Como sonham, ambas, o futuro? Este trabalho procura, assim, um diálogo entre a poesia de Gógou e os filmes de Rohrwacher, segundo as imagens que rendem das mulheres, atendendo aos contextos epocais. Pretende-se uma leitura no domínio dos estudos interartísticos, estabelecendo pontos de contacto e distanciamento no que diz respeito à representação artística das mulheres na sua multiplicidade, refletindo paralelamente sobre o papel daquelas enquanto produtoras de arte.

Palavras-chave: mulheres, representação, classe, género

Abstract:

Katerina Gogou. Alice Rohrwacher. Athens, 1940, Fiesole, 1982. In Exarchia, deconstructing the fragmented post-modern subject and defying the binary oppositions of patriarchal capitalist hegemony, Gogou feared becoming a poet. But what about becoming a woman? In the heart of the polis and within the urban space, how did Katerina Gogou build a plural discourse opposing asymmetries and setbacks of institutional myths, problematizing gender identities and social differences? Concerning gender and class dynamics, how do Rohrwacher's films, both fictional and documental, read women in a posthuman world? How does the human subject move in rural and urban areas and what kind of hierarchy and constrictions are recognized in those spaces as in and out of the world? How do, both, imagine the future? This work aims a dialogue between Gogou's poetry and Rohrwacher's films, according to the images of women they offer us in different times and contexts. An interartistic reading is intended to establish similarities and differences in what comes to the representations of women in art as well as in the role of producers of it.

Keywords: women, representation, class, gender

Referências bibliográficas:

DEMETRIOU, Demetra. I defend anarchism. Deconstructing authority or mythicizing terrorism in Greece's Metapolitefsi: The poetry of Katerina Gogou. *Forum for Modern Language Studies* [em linha]. Volume: 51, 1 (2015), 60-84, jan. Disponível em <https://academic.oup.com/fmls/articleabstract/51/1/68/599916?redirectedFrom=fulltext>. ISSN 0015-8518.

DE LAURETIS, Teresa. *Alice Doesn't: Feminism, Semiotics, Cinema*. Indiana: Bloomington, Indiana University Press, 1984. ISBN 978-0-333-38288-2.

KUHN, Annette. *Women's Pictures: Feminism and Cinema*. London: Routledge, 1982. ISBN 0710090447.

MULVEY, Laura. 1989. *Visual Pleasure and Narrative Cinema*. *Visual and Other Pleasures*, 14– 26. London: Macmillan, 1975. ISBN 978-0-333-44528-0.

SMELIK, Anneke. *And the Mirror Cracked: Feminist Cinema and Film Theory*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1998. ISBN 0-3339-20414.

Ana Margarida Dias Martins

“Casa Escrivivência: repensar o arquivo na obra de Conceição Evaristo”

Bio:

Ana Martins é professora na Universidade de Exeter, no Reino Unido. Dirigiu o projeto Mulheres do Atlântico Pardo: Passagens Reais e Imaginárias em Português, 1711-2011, para o qual recebeu uma Early Career Leadership Fellows Grant, atribuída pelo Arts and Humanities Research Council (ARHC). Prepara atualmente uma monografia sobre a memória e a mobilidade no Atlântico pardo. Tem diversas publicações sobre a escrita de mulheres provenientes de Portugal, Moçambique e Brasil.

Resumo:

Esta comunicação revisita o conceito de Atlântico Negro de Paul Gilroy à luz do conceito de “escrevivência” da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, entendido como um método de arquivamento da memória considerado “impróprio” pelos arquivos oficiais. No seu romance de estreia Ponciá Vicêncio (Evaristo, 2003) e na coletânea de poesia Poemas da Recordação e outros Movimentos (Evaristo, 2008), Evaristo dá destaque à imagem do arco-íris e ao movimento de subir acima das águas, respetivamente. Com base nestes textos, defendo que a obra da escritora acentua uma localização acima dos oceanos (e da terra) que ainda não foi nomeada nos Estudos da Diáspora. A procura deste lugar insondável pode, de facto, apontar para uma nova direção, afastando-nos das rotas mainstream, indiscutivelmente masculinistas, descritas por Paul Gilroy em *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness* (Gilroy, 1993). É inegável que a água, a liquidez e o oceano são fundamentais na escrita de Evaristo. No entanto, em vez de serem sinónimos de fluidez e de movimento rizomático, estes elementos tendem a acentuar a estagnação, a flutuação, a descontinuidade e a viscosidade na sua obra. Para além disso, a água fluida e lisa é frequentemente vista com desconfiança. A viscosidade da viagem lenta e nómada do corpo feminino negro desafia o funcionamento de um Atlântico Negro masculinista que dispara simultaneamente em todas as direções até atingir as suas margens fixas. Quando a sua escrita interrompe a superfície lisa da água com o seu intermezzo flutuante, Evaristo desenha uma linha de visão vertical que se opõe diretamente à horizontalidade e à aceleração do barco à vela. Embora não se possam fazer leituras simples sobre as relações entre género, memória e identidade, o que quero dizer é que, no que diz respeito à teoria da diáspora, é crucial

afirmar a polivocalidade para resistir a discursos totalizantes sobre práticas mnemônicas e arquivísticas.

Abstract:

This paper revisits Paul Gilroy's concept of the Black Atlantic in the light of Afro-Brazilian writer Conceição Evaristo's concept of "escrevivência," understood as a method for archiving memory deemed "improper" by official archives. In her debut novel *Ponciá Vicêncio* (Evaristo, 2003) and poetry collection *Poemas da Recordação e outros Movimentos* (Evaristo, 2008), Evaristo gives prominence to the image of the rainbow, and to the movement of rising above the waters, respectively. Drawing on these texts, I argue that the writer's work accentuates a location above the oceans (and the land) that has yet to be named in diaspora studies. Pursuing this unfathomable location may, in fact, take us in a new direction, away from the mainstream, arguably masculinist, routes described by Paul Gilroy in *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness* (Gilroy, 1993). It is undeniable that water, liquidity and the ocean are paramount in Evaristo's writing. Yet, instead of being synonymous with fluidity and rhizomatic movement, these elements tend to accentuate stagnation, fluctuation, discontinuity, and stickiness in her work. Moreover, fluid, smooth water is often perceived with suspicion. The viscosity of the black female body's slow, nomadic journey challenges the workings of a masculinist Black Atlantic that shoots in every direction at once until it reaches its fixed shores. As her writing interrupts the smooth surface of the water with her floating intermezzo, Evaristo draws a vertical line of sight that is directly opposed to the horizontality and acceleration of the sailing ship. Whilst easy distinctions cannot be made between gendered engagements with memory and identity, my point is that, when it comes to diaspora theory, it is crucial to assert polyvocality in order to resist totalising discourses on mnemonic and archival practices.

Referências bibliográficas:

Evaristo, Conceição (2003). *Ponciá Vicêncio*. Mazza Edições.____ (2008). *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*. Editora Nandyala.

Gilroy, Paul (1993). *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Verso.

Carla Miguelote

“Mau lugar de fala, meu lugar de falha: (in)visibilidade lésbica dentro do feminismo e do ativismo queer”

Bio:

Carla Miguelote nasceu em Niterói (RJ) em 1977. É Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atualmente desenvolve uma pesquisa de pós-doutorado no Instituto de Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Publicou o livro de poemas *Conforme minha médica* (Confraria do vento, 2016) e a plaquete *O mapa do céu na terra* (Círculo de poemas, 2023). Dirigiu os curtas feministas *Amiga oculta* (2017), *Qual imagem* (2018) e *Esguicho* (2019), exibidos em mostras e festivais nacionais e internacionais.

Resumo:

A partir de um ponto de vista lesbofeminista (meu lugar de fala), proponho discutir as relações de colisão e coalizão entre militância lésbica, lutas feministas e ativismo queer. Inspirando-me nas reflexões das feministas de cor a respeito das interseções das categorias de raça e gênero, proponho uma perspectiva interseccional para pensar a (in)visibilidade de mulheres lésbicas. Como afirma Maria Lugones (2020, p. 60), as categorias “selecionam um dominante, em seu grupo, como norma; dessa maneira, ‘mulher’ seleciona como norma as fêmeas burguesas brancas heterossexuais, ‘negro’ seleciona os machos heterossexuais negros, e assim sucessivamente”. Desse modo, a mulher negra fica eclipsada tanto na categoria mulher quanto na categoria negro. Mais do que isso, Lugones (2020, p. 60) observa “que o termo ‘mulher’, em si, sem especificação dessa fusão, não tem sentido ou tem um sentido racista”. Poderíamos dizer que o termo mulher, em si, sem especificação, tem também um sentido heterossexista, pois as características, de pendor essencialista, associadas à feminilidade excluem também as mulheres lésbicas. Assim, as lutas contra o racismo e a lesbofobia precisaram ser travadas dentro do próprio feminismo, predominantemente eurocentrado, branco, heterossexual e classe média, muitas vezes aliado das opressões coloniais e raciais. Enfrentando o racismo dentro do feminismo e o machismo dentro do movimento negro, as mulheres negras precisaram se articular enquanto feministas negras. De modo semelhante, enfrentando a lesbofobia dentro do feminismo e o machismo dentro do movimento LGBT, as lésbicas precisaram criar uma linha

própria de ativismo, apontando, por um lado, para os preconceitos encobertos sob o manto da sororidade universal, e, por outro, para as contradições de um movimento que, em nome da diversidade sexual, sempre priorizou as pautas de homens gays. Para a discussão, convoco o pensamento de feministas lésbicas, tais como Adrienne Rich, Audre Lorde, Monique Wittig e Sara Ahmed.

Palavras-chave: interseccionalidade; lesbofeminismo;; feminismo negro; heterossexualidade compulsória; ativismo queer.

Abstract:

From a lesbofeminist point of view (my place of speech), I propose to discuss the collision and coalition relationships between lesbian militancy, feminist struggles and queer activism. Drawing inspiration from the reflections of feminists of color regarding the intersections of race and gender categories, I propose an intersectional perspective to think about the (in)visibility of lesbian women. As Maria Lugones (2020, p. 60) states, the categories “select a dominant, in their group, as the norm; In this way, ‘woman’ selects heterosexual white bourgeois females as the norm, ‘black’ selects black heterosexual males, and so on”. In this way, the black woman is eclipsed both in the woman category and in the black category. More than that, Lugones (2020, p. 60) observes “that the term ‘woman’, in itself, without specifying this fusion, is meaningless or has a racist meaning”. We could say that the term woman, in itself, without specification, also has a heterosexist meaning, as the essentialist characteristics associated with femininity also exclude lesbian women. Thus, the struggles against racism and lesbophobia needed to be fought within feminism itself, predominantly Eurocentric, white, heterosexual and middle class, often allied with colonial and racial oppression. Facing racism within feminism and misogyny within the black movement, black women needed to articulate themselves as black feminists. In a similar way, facing lesbophobia within feminism and misogyny within the LGBT movement, lesbians needed to create their own line of activism, pointing, on the one hand, to the prejudices hidden under the cloak of universal sorority, and, on the other, to the contradictions of a movement that, in the name of sexual diversity, has always prioritized the agendas of gay men. For the discussion, I invite the thoughts of lesbian feminists, such as Adrienne Rich, Audre Lorde, Monique Wittig and Sara Ahmed.

Keywords: intersectionality; lesbian feminism; black feminism; compulsory heterosexuality; queer activism.

Referências bibliográficas:

Ahmed, Sara. (2022). *Viver uma vida feminista*. São Paulo: Ubu.

Lorde, Audre. (2019). *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica.

Lugones, Maria. (2020). Colonialidade e gênero. In: Hollanda, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo.

Rich, Adrienne (2012). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*. 4(5), 17-44.
<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>

Wittig, Monique. (2019). Não se nasce mulher. In: Hollanda, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo.

Moderação - Ricard Huerta

Ricard Huerta es artista y Catedrático de Educación Artística en la Universitat de València. Investigador del Instituto Universitario de Creatividad e Innovaciones Educativas. Director de EARI Educación Artística Revista de Investigación www.revistaeari.org y del Diploma de Especialización en Educación Artística y Gestión de Museos https://postgrado.adeituv.es/es/cursos/ciencias_de_la_educacion-4/gestionmuseos/datos_generales.htm Director de Museari www.museari.com Fundador y actual presidente de AVALEM Asociación Valenciana de Educadores de Museos y Patrimonios. Doctor en Bellas Artes y licenciado en Música, Bellas Artes y Comunicación Audiovisual. Coordinador del Grupo CREARI de Investigación en Pedagogías Culturales (GIUV2013-103) <https://www.uv.es/creari> Profesor del Departamento de Didáctica de la Educación Física, Artística y Música de la Facultat de Magisteri. Dirige el Proyecto de Innovación Educativa SecondRound, Art i Lluita en Secundària. IP1 del proyecto I+D del Ministerio de Ciencia e Innovación “DECHADOS. Creatividad inclusiva en secundaria mediante la relación entre centros educativos y museos (PID2021-123007OB-I00). Miembro del Seminario de Género de los Museos de Catalunya. Investigador invitado en universidades de Francia, Reino Unido, Italia, Brasil, Argentina, Cuba, Uruguay, Portugal, Perú, Ecuador, Paraguay, Costa Rica, Colombia y Chile, así como en las universidades de Barcelona, Girona, Lleida, Complutense de Madrid, Zaragoza, Baleares y Santiago de Compostela. Ha publicado libros y artículos en revistas especializadas, habiendo coordinado numerosas publicaciones dentro del ámbito del arte, la educación, la formación de educadores, la diversidad lgtbi, el patrimonio y los museos. Las letras y los alfabetos constituyen un aspecto relevante de su trabajo tanto a nivel educativo como de creación artística. Ha presentado exposiciones con temáticas muy impregnadas por la tipografía y las caligrafías en diferentes países. Ha dirigido doce jornadas internacionales de investigación en educación artística y seis congresos internacionales.

seminário
MUSAS
EM AÇÃO

Musas: “Ousadias” experimentais

Margarida Simões (Univ. Coimbra)

“A construtividade da desconstrução no experimentalismo de Ana Hatherly”

Joana Teixeira (FLUP)

“O papel da mulher portuguesa durante o Estado Novo - o estudo de Novas Cartas Portuguesas”

Inês Cardoso (FLUP - ILCML) e **Diogo Marques** (FLUP - CODA / ILCML)

"PARTO COMO-VIDA: Corpo, Tecnologia e Sociedade na Obra de Salette Tavares"

Lúcia Evangelista (Univ. do Porto - ILCML) e **Inês Cardoso** (Univ. do Porto - ILCML)

"A Dimensão Política dos Objetos Domésticos: Reler Lex Icon de Salette Tavares"

Moderação: **Ana da Silveira Moura**

Margarida Simões

“A construtividade da desconstrução no experimentalismo de Ana Hatherly”

Bio:

Mestre em Literatura de Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Licenciada em Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa. Atualmente é jornalista estagiária e crítica literária. Colabora com o jornal Diário As Beiras e integra, a tempo parcial, o projeto Livraria Experimental. Áreas de interesse: aspetos sociais da literatura feminina do século XIX, a literatura como construção social ao longo do tempo e a literatura experimental.

Resumo:

O presente ensaio pretende fazer uma incursão ao mundo do experimentalismo literário português, pela mão de Ana Hatherly, através das obras O mestre e Mapas da imaginação e da memória, com o intuito de compreender como foi efetuado o modelo de produção artístico e qual o seu resultado em termos de inovação.

Palavras-chave: Experimentalismo, Ana Hatherly, concretismo e inovação.

Abstract:

The present essay intends to make an immersion into the world of Portuguese literary experimentalism, by the hand of Ana Hatherly, through the works O Mestre and Mapas da Imaginação e da Memória. Our aim is to understand how the model of this artistic productions was carried out and what are its results in terms of innovation.

Keywords: Experimentalism, Ana Hatherly, concretism and innovation

Joana Teixeira

“O papel da mulher portuguesa durante o Estado Novo - o estudo de Novas Cartas Portuguesas”

Bio:

Joana Teixeira frequenta o mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação, com especialização em Relações Internacionais, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É licenciada em Estudos Europeus, Estudos Lusófonos e Relações Internacionais na Faculdade de Direito e de Ciência Política da Universidade Lusófona - Centro Universitário do Porto. Participou em colóquios na área do feminismo e do associativismo e em publicações na área do feminismo, da interrupção voluntária da gravidez e da política internacional. As suas áreas de interesse académico são os estudos de feminismo e de género; os estudos de conflito e de paz internacional; e os estudos de relações internacionais.

Resumo:

Esta comunicação foca-se no estudo da obra *Novas Cartas Portuguesas*, da autoria de Maria Isabel Barreno, de Maria Teresa Horta e de Maria Velho da Costa – censurada por conteúdos pornográficos atentatórios da moral e dos costumes conservadores portugueses, as autoras foram vítimas de um julgamento político atroz, do qual saíram absolvidas após o golpe de estado que encerrou, finalmente, o período ditatorial do Estado Novo. *Novas Cartas Portuguesas* é inspirada na obra seiscentista *Cartas Portuguesas*, da freira apaixonada, abandonada e enclausurada Mariana Alcoforado – este é o mote para a escrita conjunta que aborda temáticas como a paixão e o ódio; a ingenuidade e o abandono; o prazer e a culpa; a mulher, o homem e a religião. O conjunto da obra *Novas Cartas Portuguesas* é uma ode à revolução feminina para a transformação radical da condição da mulher portuguesa, vítima da opressão patriarcal num país subjogado a uma ditadura fascista de quase cinco décadas.

Palavras-chave Portugal; Estado Novo; *Novas Cartas Portuguesas*; mulher; revolução.

Abstract:

This communication focuses on the study of the work *New Portuguese Letters*, by Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta and Maria Velho da Costa – censured for pornographic contents that threatens Portuguese conservative morals and costumes, the authors were victims of an atrocious political trial, from which they were acquitted after the coup d'état that ended, finally, the dictatorial period of the New State. *New Portuguese Letters* is inspired by the work *Portuguese Letters*, by the passionate, abandoned and cloistered nun Mariana Alcoforado – this is the motto for the joint writing that addresses themes such as passion and hate; naivety and abandonment; pleasure and guilt; woman, men and religion. The set of *New Portuguese Letters* is an ode to the feminine revolution for the radical transformation of the condition of Portuguese women, victims of patriarchal oppression in a country subjugated to a fascist dictatorship for almost five decades.

Key words Portugal; New State; *New Portuguese Letters*; woman; revolution.

Inês Cardoso e Diogo Marques

"PARTO COMO-VIDA: Corpo, Tecnologia e Sociedade na Obra de Salette Tavares"

Bio:

Inês Cardoso é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Concluiu, na mesma instituição, a licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (Plano Bidisciplinar Português / Inglês) e o mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes (Ramo de Estudos Comparatistas e Relações Interculturais), apresentando uma dissertação intitulada *O futuro já mostra que ontem foi há muito tempo: A resistência à globalização em Alberto Pimenta* (2016). Atualmente, encontra-se a concluir uma tese de doutoramento em torno das obras de Salette Tavares e António Aragão, projeto pelo qual lhe foi atribuída uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). É investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML) e membro da equipa editorial da Revista Interartes SKHEMA [www.skhemagazine.com]. Tem publicado e apresentado o seu trabalho de investigação em revistas, livros e colóquios nacionais e internacionais.

Diogo Marques é membro integrado do ILCML, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, e investigador no CODA – Centre for Digital Culture and Innovation (FLUP). Em 2018 doutorou-se em *Materialidades da Literatura*, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A sua tese centrou-se na análise de interfaces hápticas enquanto elementos expressivos em literatura computacional. Foi investigador de pós-doutoramento no IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (NOVAFCSH), no âmbito do projeto VAST: values across space & time (2020-21) e Bolseiro de Investigação na Fundação Fernando Pessoa, Porto (2018-2020). Coorganizou volume de ensaios *Investigação-Experimentação-Criação: em Arte-CiênciaTecnologia* (Porto: Edições FFP; 2020). É autor, curador e tradutor de *(Ciber)literatura experimental* e cofundador do coletivo ciberliterário *d1g1t0* (wreading-digits.com). É membro do MATLIT LAB, Laboratório de Humanidades da Universidade de Coimbra; da Artech-Int – International Association of Computational Art; da ELO – Electronic Literature Organization; e da APEAA – Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos.

Resumo:

Poeta, pedagoga, performer, intelectual (in)formadora, Salette Tavares foi autora de uma obra plural, marcada pela interseção entre diversos materiais, técnicas e modos de mediação. No contexto da celebração do centenário do seu nascimento (1922-1994), publicou-se *Obra Poética 1957-1994* (2022), volume que deu seguimento ao esforço empreendido pela família da autora em dar a conhecer um conjunto de inéditos que validam, hoje, novos ângulos de análise. Por exemplo, complexifica-se a noção de “parto”, que surge na obra da autora, de forma explícita, por ocasião da exposição retrospectiva *Brincar* (Galeria Quadrum, 1979). Nela, Salette Tavares não só deu a conhecer o conjunto de poemas espaciais “Diálogos Criativos” – acompanhados, no catálogo, de fotografia de uma porca a amamentar as suas crias –, como expôs “Dia Positivo”, uma instalação que visa documentar o crescimento dos seus três filhos. A acompanhar o jogo verbal que se encontra nas extremidades (“PARTO COMOVIDA” e “PARTO COMO VIDA”), surgem três estruturas em acrílico branco, construídas com o propósito de implicar o fruidor: ao espreitar, o leitor encontraria um “dia-positivo” relativo ao dia do nascimento de cada um dos filhos. Ademais, a recém publicação do inédito *O Livro do Corpo* (1974-1977) vem expandir esse gesto, nomeadamente através da inclusão do poema “Parto”: “Parto com saudade muita/ do parto/ que quis ter com alegria”. Considerando os diferentes momentos em que a autora explora a noção de parto, incluindo o guião para uma fita experimental *Baile Mecânico* (2019 [1956]) e *Outro Outro* (2019 [1963]), esta comunicação pretende problematizar duas questões que se interligam: por um lado, a forma como o corpo constitui, na sua obra, o ponto de partida para questionar as instituições, os regimes e os poderes estabelecidos; por outro, o modo como, numa era pós-antropocêntrica, estas obras se prestam a novas leituras sobre a relação entre corpo, tecnologia e sociedade.

Palavras-chave: Salette Tavares, Poesia Experimental Portuguesa, Parto, Pedagogia

Abstract:

Poet, pedagogue, performer, Salette Tavares was the author of a diverse body of work marked by the intersection of various materials, techniques, and modes of mediation. In the context of celebrating the centenary of her birth (1922-1994), her *Obra Poética 1957-1994* (2022) was published, a volume that continued the effort undertaken by the author's family to bring to light a collection of unpublished works that today validate new angles of analysis. For example, the notion of ‘birth,’ which appears explicitly in the author's work, is complexified, particularly on the occasion of the retrospective exhibition “*Brincar*”

(Quadrum Gallery, 1979). In it, Salette Tavares not only presented a set of spatial poems titled “Diálogos Criativos” – accompanied, in the catalog, by a photograph of a sow nursing her offspring – but also exhibited “Dia-Positivo,” an installation aimed at documenting the growth of her three children. Alongside the verbal play found at the extremes (“PARTO COMOVIDA” e “PARTO COMO VIDA”), three white acrylic structures were introduced, constructed with the purpose of engaging the viewer: upon peeking inside, the reader would encounter a “positive day” related to the birth of each of her children. Furthermore, the recent publication of the unpublished work “O Livro do Corpo” (1974-1977) further expands upon this gesture, notably through the inclusion of the poem “Parto”: “I give birth with much longing/ for the birth/ I wanted to have with joy.” Considering the various moments in which the author explores the concept of birth, including the script for an experimental film “Baile Mecânico” (2019 [1956]) and “Outro Outro” (2019 [1963]), this presentation aims to problematize two interconnected questions: firstly, how the body, in her work, serves as a starting point for questioning established institutions, regimes, and powers; secondly, how, in a post-anthropocentric era, these works lend themselves to new interpretations regarding the relationship between body, technology, and society.

Keywords: Salette Tavares, Experimental Portuguese Poetry, Birth, Pedagogy

Referências bibliográficas:

BRAIDOTTI, Rosi (2013), *The Posthuman*, Cambridge, Cambridge Polity Press.

Haraway, D. J. (2022). *Um Manifesto Ciborgue | O Manifesto das Espécies de Companhia* (trans.

A. M. Chaves). Lisboa: Orfeu Negro.

TAVARES, Salette (2019), *O Kágado / Baile Mecânico / Anonimatógrafo*, Lisboa, Tigre de Papel.

— (2022), *Obra Poética 1957-1994*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Lúcia Evangelista e Inês Cardoso

"A Dimensão Política dos Objetos Domésticos: Reler Lex Icon de Salette Tavares"

Bio:

Lúcia Evangelista é doutora em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a tese "Alberto Pimenta: poesia, performance, profanação". Foi bolsista da FCT. Tem mestrado na mesma instituição com a tese "Vida em comum: a poética de Adília Lopes". É membro do Grupo Intermedialidades do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, do Aesthetics, Politics and Knowledge do Instituto de Filosofia e do Contemporary Poetry and Politics: Social Conflict and Poetic Dialogisms (POEPOLIT II).

Inês Cardoso é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Concluiu, na mesma instituição, a licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (Plano Bidisciplinar Português / Inglês) e o mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes (Ramo de Estudos Comparatistas e Relações Interculturais), apresentando uma dissertação intitulada O futuro já mostra que ontem foi há muito tempo: A resistência à globalização em Alberto Pimenta (2016). Atualmente, encontra-se a concluir uma tese de doutoramento em torno das obras de Salette Tavares e António Aragão, projeto pelo qual lhe foi atribuída uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). É investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML) e membro da equipa editorial da Revista Interartes SKHEMA [www.skhemazine.com].

Resumo:

Poeta de ofício múltiplo e um dos principais nomes da Poesia Experimental Portuguesa, Salette Tavares deixou-nos uma vastíssima obra marcada por linguagens rigorosas e inovadoras, decorrentes de um permanente cruzamento entre prática criativa e teorização. Fê-lo, em grande medida, no interior de um contexto político opressivo (Estado Novo), contrapondo à censura a sua vocação dialogante e itinerante. Uma "Intellectual culta, informada e (in)formadora", nos termos de Rui Torres (2015: 10). Em *Lex Icon* (1971), a sua obra mais (re)conhecida e que foi alvo de reedições recentes (2017 facsimile; 2020 *Tigre de Papel*), a autora propõe uma exploração criativa do espaço fenomenológico da casa, das relações humanas e das interações do indivíduo com os objetos: "Os armários são instrumentos de música/ Têm um exterior grande/

barriga volumosa com o pulido dos pianos e violinos./ Têm as entranhas ruidosas amordaçadas pelas portas/ e olham/ como quem escuta” (2022: 519). Ao evidenciar um mundo no qual palavra, imagem e objeto surgem como elementos vivos, capazes de colocar em causa as oposições corpo/objeto, espaço íntimo/espaço público, humano/máquina, a obra de Salette Tavares não só dialoga com as reflexões suas contemporâneas em torno da sociedade de consumo (Jean Baudrillard), como permite renovadas leituras quando pensada à luz de concepções de feminismo recentes – nomeadamente daque las que questionam as técnicas e os dispositivos que atravessa e perfazem os corpos, as subjetividades (Donna Haraway). A relação dos objetos domésticos de *Lex Icon* com a constituição do feminino e a dimensão política dessa constituição é o que procuraremos discutir.

Palavras-Chave: Salette Tavares, Poesia Experimental Portuguesa, Casa, Objeto

Abstract:

Salette Tavares, one of the leading figures of the Portuguese Experimental Poetry, has left us with an extensive work characterized by rigorous and innovative languages, stemming from a constant interplay between creative practice and theorization. She did it inside an oppressive political context (Estado Novo), counteracting censorship with her itinerant vocation and by engaging in dialogue. In her most recognized work, *Lex Icon* (1971), which has seen recent reeditions (2017 facsimile; 2020 *Tigre de Papel*), she proposes a creative exploration of the phenomenological space of the house, the human relationships, and the interactions between individuals and objects: “Os armários são instrumentos de música/ Têm um exterior grande/ barriga volumosa com o pulido dos pianos e violinos./ Têm as entranhas ruidosas amordaçadas pelas portas/ e olham/ como quem escuta” (2022: 519). By highlighting a world in which words, images, and objects emerge as living elements capable of challenging the dichotomies of body/object, private space/public space, human/machine, Salette Tavares' work not only engages in dialogue with reflections on consumer society (Jean Baudrillard) but also allows for fresh interpretations when considered in light of recent feminist theories – particularly those that question the techniques and devices that intersect and shape bodies/subjectivities (Donna Haraway). We will seek to discuss the role that domestic objects in *Lex Icon* play in the construction of the feminine, as well as the political dimension of this construction.

Keywords: Salette Tavares, Experimental Portuguese Poetry, House, Object

Moderação - **Ana da Silveira Moura**

Ana S. Moura é atualmente investigadora a tempo inteiro no LAQV-REQUIMTE, Departamento de Química e Bioquímica, FCUP, na área da Química Teórica e Computacional. Co-fundou o jornal Hypothesis Historia Periodical, do qual também é a General Editor, e a Conferência Internacional de História 'E se?...' Mundial (WhatIf), da qual é presidente do comité organizador, ambos no âmbito da História Alternativa como ferramenta metodológica multidisciplinar. Enquanto escritora, e sob o pseudónimo AMP Rodriguez, participou em várias antologias de ficção especulativa com 'Os Anos de Ouro da Pulp Fiction Portuguesa' ou ' Os Medos da Cidade', e é co-fundadora da Invicta Imaginaria, o colectivo criativo que desenvolveu o universo especulativo Winepunk. Actualmente encontra-se em rodagem a primeira longa-metragem que co-escreveu, em parceria com Rui Pedro Sousa, Revolução (sem) Sangue, um projecto Winner Film Lab (Feature Gems Pitching Forum | FEST New Directors New Films International Film Festival) em 2022.

seminário
MUSAS
EM AÇÃO

Mulheres: Ativismos e Movimentos para a Paz

Rita Xavier Monteiro (Univ. Minho - CEHUM)

“Lobas Serpentes Bruxas: da mercantilização da cura à resistência das corpos em Morena Cardoso”

Vera Diogo (Ese - P.Porto), **Carina Coelho** (Ese – P. Porto) e **Laura Alves** (MUBi - Associação pela Mobilidade Urbana em Bicicleta)

“Mais Mulheres a Pedalar: um projeto corpo a corpo”

Marta Correia (FLUP - ILCML/CETAPS)

“Encontraremos as nossas próprias musas. Mulheres contra a guerra”

Eliane Goulart Mac Ginity (FLUC)

“Julieta da Graça Pinto do Espírito Santo: a primeira médica de São Tomé e Príncipe”

Moderação: **Hugo Monteiro**

Rita Xavier Monteiro

“Lobas Serpentes Bruxas: da mercantilização da cura à resistência das corpos em Morena Cardoso”

Bio:

É doutoranda em Estudos Culturais pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho com projeto financiado pela FCT (2023). A sua investigação reflete sobre a inscrição do corpo e as reconstruções da identidade no contexto cultural contemporâneo à luz dos ecofeminismos. Formou-se em Filosofia (FLUP 2008) e é mestre em Estudos Artísticos (FBAUP 2011). Foi assessora de comunicação e de programação do Teatro Municipal do Porto e DDD – Festival Dias da Dança (2016-2020), do Museu do Porto (2020-22) e trabalhou na Direção Municipal de Cultura e Património do Porto (2022-23). Fez a direção de comunicação de estruturas artísticas e colabora como docente, curadora e crítica de artes performativas com diversas instituições. É doula e dinamiza círculos e práticas ancestrais e ritualísticas de cuidado. Como bolsista de investigação, trabalhou pelo Instituto de História da Arte (FCSH/UNL) no projeto Documentação de Arte Contemporânea (2012) e no projeto unplace–Um museu sem lugar (2014-2015).

Resumo:

Doença e cura confundem-se na anunciada era geológica do antropoceno. Por um lado, a dominação da espécie humana sobre o planeta impacta o corpo da terra cada vez mais seco e infértil, até retornar e ameaçar o seu próprio corpo, cada vez mais medicalizado, otimizado e compulsivo. Por outro, assistimos a tentativas de reparação na e da natureza, com movimentos não raras vezes engolidos pelas lógicas de consumo capitalistas: um fenómeno semelhante ao green wash hoje surge com o crescimento da indústria altamente lucrativa do bem-estar e da cura. Coachings, guias espirituais e gurus proliferam com promessas de regeneração, multiplicando o lucro e os seguidores off e online, frequentemente colocando a medicina ocidental como inimiga e apropriando-se da cultura de outros povos, como os povos da floresta. Esta reflexão pretende construir um olhar crítico sobre fenómeno de massas, alicerçado em estratégias de biopoder, contrapondo-o à micropolítica que toma corpo no trabalho de Morena Cardoso. A psicoterapeuta corporal, escritora e feminista preconiza a resistência a domesticações patriarcais, vernizes institucionais e ideologias funcionais que limitam os corpos-mulher - as corpos. Através de práticas somáticas, estas corpos movem-se numa poética selvagem que incorpora figuras arquetípicas e medicinais - a

loba, a serpente, a bruxa - o resgate da cultura ritualística ancestral que integra a circunstância real e atual. Trata-se, como a própria assume, de uma ferramenta clínico-política compassada ao tempo da terra. Estas corpos não criam terapêuticas nem coreografias alternativas, mas antes ocupam lugares-fissura e ensaiam gestos para as desobediências e as mulheridades, as suas feridas e metamorfoses.

Palavras-chave: Corpo; Cura; Cultura contemporânea; Ecofeminismo

Keywords: Body; Healing; Contemporary Culture; Ecofeminism

Referências bibliográficas:

CARDOSO, Morena (2022). Manifesto Crisálida: escritas subcutâneas. Editora Letramento.

EHRENREICH, Barbara & English, Deirdre (2010). Witches, Midwives, and Nurses. The Feminist Press at CUNY.

KING, Ynestra (1989). Healing the wounds: Feminism, ecology, and nature/culture dualism. Alison M. Jaggar & Susan Bordo (eds.), Gender/Body/Knowledge: Feminist Reconstructions of Being and Knowing. Rutgers University Press. PP. 115-141.

SALLEH, Ariel (1997). Ecofeminism as Politics: Nature, Marx and the Postmodern. Zed Books.

SPRETNAK, Charlene (1982). The Politics of Women's Spirituality: Essays on the Rise of Spiritual Power Within the Feminist Movement. Anchor Book

Vera Diogo, Carina Coelho e Laura Alves

“Mais Mulheres a Pedalar: um projeto corpo a corpo”

Bios:

Vera Diogo é socióloga, educadora, ambientalista, feminista e utilizadora de bicicleta. Formada na Universidade do Minho desde 2006; concluiu em 2010 o Mestrado em Riscos, Cidades e Ordenamento do Território, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se doutorou em Sociologia, em 2017. Iniciou o seu percurso profissional em organizações da economia social, primeiramente, em Portugal, e posteriormente, na Turquia. Em 2009/2010, começa a lecionar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, nas áreas de Sociologia das Organizações e de Gestão das Organizações da Economia Social. Atualmente, para além das referidas áreas de ensino, tem orientado projetos do Mestrado em Educação - Especialização de Administração de Organizações Educativas e mais recentemente lecionado Sociologia do Desporto na Licenciatura em Desporto e Intervenção Comunitária na Licenciatura em Gestão do Património. Tem participado em investigação em temáticas diversificadas, maioritariamente com um enfoque organizacional e recentemente com foco na mobilidade ativa e na transição ecológica.

Carina Coelho atualmente é Professora Adjunta Convidada na Escola Superior da Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESE P. Porto) e investigadora colaboradora do Centro de Inovação em Educação (inED) da mesma instituição, fazendo parte, entre outras, da equipa do projeto BIPEDAL – “O potencial educativo da velomobilidade. Perspetivas de utilizadores de bicicleta, educadores e estudantes”. Concluiu em 2016 o doutoramento em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP); em 2009 o mestrado em Formação de Profissionais da Formação pelo Consórcio Mundusfor coordenado pela Universidade de Granada; e em 2007 a Licenciatura em Ciências da Educação pela FPCEUP. Tem desenvolvido a sua atividade como investigadora, docente, formadora e avaliadora em domínios como políticas educativas e avaliação em educação, relação escola-família, educação de adultos, desenvolvimento comunitário, transição ecológica e mobilidade ativa.

Laura Alves é produtora e revisora de conteúdos freelancer desde 2011. Iniciou a carreira como jornalista em 1999, escrevendo para e editando diversas publicações e

projectos editoriais, sobretudo relacionados com juventude, educação, sociedade, cultura e movimentos sociais. É co-autora do livro *A Gloriosa Bicicleta*. Compêndio de costumes, emoções e desvarios em duas rodas, publicado em 2013. Enquanto freelancer, *A Laura Escreve* - desde tecnologia a gastronomia, desde mobilidade e ciclocultura a saúde e bem-estar, ou até mesmo finanças, empreendedorismo e novas tendências de consumo. Integra a Direção da MUBi - Associação pela Mobilidade Urbana em Bicicleta desde 2022, sendo mentora do Projeto +MAP e tendo representado a MUBi em eventos públicos em Lisboa.

Resumo:

O Mais Mulheres a Pedalar (+ MAP) resulta da estratégia de fomento da igualdade de género no âmbito da mobilidade em bicicleta, que partiu dos corpos sociais da MUBi – Associação pela Mobilidade Urbana em Bicicleta, em 2021. As áreas da mobilidade e do planeamento reúnem uma visível maioria de homens, não sendo, pois, de estranhar que o desenho urbano e dos sistemas de transportes seja pouco inclusivo em termos de género [1]. Diagnosticada internamente a questão, definiu-se um plano de ação que passou por lançar no Dia 8 de Março de 2021, uma declaração de 8 Medidas prioritárias: Mais mulheres a pedalar: manifesto por uma cidade inclusiva. O + MAP foi fundado em simbiose com o projeto Vox Pop, que consistiu na ampliação das funcionalidades da aplicação Cidade Ciclável que mapeava ciclistas nas cidades portuguesas, para incluir outros fatores, nomeadamente relacionados com segurança e conforto no espaço urbano, tendo em conta a dimensão de género. Os objetivos do + MAP passam por: incentivar o uso da bicicleta como meio de transporte e modo de libertação humana, económica e social; esclarecer acerca de narrativas dominantes, obstáculos, práticas e mitos sociais instituídos relacionados com o uso da bicicleta; influenciar políticas públicas e agentes sociais; partilhar experiências, dificuldades e conquistas entre pares, enquanto espaço de valorização, livre de restrições e aberto ao diálogo; desafiar mais mulheres a pedalar, tornando assim as cidades mais diversas, mais seguras, mais justas e mais humanas. Com esta comunicação pretendemos promover o debate sobre a desigualdade de género na mobilidade ativa e suas repercussões na apropriação do espaço público, assim como sobre a relação entre género e ativismo. Em particular porque estas questões foram objeto de reflexão dentro da própria associação promotora do projeto, o que implicou combater o problema primeiro internamente.

Palavras-chave: Mulheres; Utilização da Bicicleta; Mobilidade Ativa; Justiça Espacial; Cidades Inclusivas.

Abstract:

Mais Mulheres a Pedalar (+ MAP) is the result of the strategy to promote gender equality in the context of bicycle mobility, which came from the governing bodies of MUBi – Associação pela Mobilidade Urbana em Bicicleta, in 2021. The areas of mobility and planning bring together a visible majority of men, so it is not surprising that urban design and transport systems are not very inclusive in terms of gender [1]. Once the issue was diagnosed internally, an action plan was defined which launched on March 8, 2021, a declaration of 8 Priority Measures: More women cycling: manifesto for an inclusive city. + MAP was founded in symbiosis with the Vox Pop project, which consisted of expanding the functionalities of the Ciclável City application that mapped bicycle racks in Portuguese cities, to include other factors, namely those related to safety and comfort in urban space, taking into account the gender dimension. + MAP's objectives include: encouraging the use of bicycles as a means of transport and a means of human, economic and social liberation; shed light on dominant narratives, obstacles, practices and established social myths related to bicycle use; influencing public policies and social agents; sharing experiences, difficulties and achievements among peers, as a space for valuing, free from restrictions and open to dialogue; challenge more women to cycle, thus making cities more diverse, safer, fairer and more humane. With this communication, we intend to promote the debate on gender inequality in active mobility and its repercussions on the appropriation of public space, as well as on the relationship between gender and activism. Particularly, once these issues were the object of reflection within the association that promoted the project, which meant tackling the problem internally first.

Keywords: Women; Cycling; Active Mobility; Spatial Justice; Inclusive Cities.

Referências bibliográficas:

[1] Leyendecker, Katja (2019) Women activists' experience of local cycling politics. Doctoral thesis, Northumbria University.

Marta Correia

“Encontraremos as nossas próprias musas. Mulheres contra a guerra”

Bio:

Marta Correia é candidata a um doutoramento em Estudos Feministas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Possui um mestrado em Estudos sobre as Mulheres. As suas principais áreas de investigação incluem Virginia Woolf e a sua faceta como feminista, escritoras que se concentram nas questões de opressão, guerra, grupos ativistas de mulheres, nacionalismos e o papel da comida na integração de refugiados. Como colaboradora no CETAPS (Centre for English Translation and Anglo-Portuguese Studies) e no ILC-ML (Instituto de Literatura Comparada - Margarida Losa), participou em vários projetos académicos, eventos abertos à comunidade e faz parte do grupo de pesquisa "Intersexualidades".

Resumo:

Quando Virginia Woolf escreveu *Três Guinéus* em 1938, o mundo à sua volta tinha mergulhado novamente na loucura militarista com o surgimento do fascismo na Europa. No seu livro, Woolf aborda a questão "Como podem as mulheres prevenir a guerra?" e, resumidamente, denuncia as estruturas que incentivam o conflito armado, excluindo as mulheres do processo de construção de uma sociedade que seria necessariamente diferente se a educação não promovesse a violência, a competição e a dominação. Algumas guerras depois, no final do século XX, a Jugoslávia enfrentou o seu próprio declínio, alimentado por uma retórica de ódio e alteridade. Sob essa ameaça, partes da população civil organizaram-se em grupos para enfrentar os conflitos locais com algum amparo. As Mulheres de Negro de Belgrado surgiram nessa época e apresentam, sem surpresa, *Três Guinéus* como sua musa. Civis de todas as origens, académicas, mães, pais, objetores de consciência, pacifistas, feministas, pessoas que recusaram as recém-impostas divisões étnicas, minorias perseguidas, ninguém foi excluído. Elas reuniram-se, protestaram, abrigaram fugitivos, ajudaram outros a exilar-se. As Mulheres de Negro de Belgrado não deixaram de existir quando as guerras terminaram. São ainda muito ativas e fazem parte de uma rede de Mulheres de Negro em todo o mundo, que se encontraram e entreadjudam. As questões que levaram Woolf a escrever *Três Guinéus* e conduziram à criação das Mulheres de Negro de Belgrado não são únicas na Grã-Bretanha ou na antiga Jugoslávia, circunscritas no tempo, nem foram erradicadas.

Também não é única a capacidade humana de encontrar musas que nos ajudem a compreender e a organizar o caos.

Palavras-chave: Virginia Woolf; Três Guinéus; Mulheres de Negro; guerra

Abstract:

When Virginia Woolf wrote *Three Guineas* in 1938, the world around her had plunged into militaristic madness again with the rise of fascism in Europe. In her book, Woolf addresses the question “How can women prevent war?” and, in short, denounces the structures that encourage armed conflict, exclude women from the process of constructing a society that would, necessarily, be different, if education did not promote violence, competition and domination. A few wars later, in the late 20th century, Yugoslavia faced its own demise, fuelled by an old rhetoric of hatred and otherness, fed from within. Under such threat, parts of the civilian population organised themselves in groups to face the local conflicts with some support. Women in Black Belgrade arose at that time and have, not surprisingly, *Three Guineas* as their muse. Civilians of all backgrounds, academics, mothers, fathers, conscientious objectors, pacifists, feminists, people who refused the newly imposed divisive ethnicities, persecuted minorities, nobody was excluded. They gathered, protested, sheltered fugitives, helped others into exile. Women in Black Belgrade did not cease to exist when the wars finished. They are still very active and part of a network of Women in Black around the world, who have found each other. The issues that led Woolf to write *Three Guineas* and *Women in Black Belgrade* to emerge are not unique to Britain or the former Yugoslavia, encapsulated in time or overcome. Nor is the human capacity of finding muses to help comprehend and navigate chaos.

Keywords: Virginia Woolf; *Three Guineas*; *Women in Black*; War

Eliane Goulart Mac Ginity

“Julieta da Graça Pinto do Espírito Santo: a primeira médica de São Tomé e Príncipe”

Bio:

Doutoranda em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Mestre em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/Brasil. Especialista em Estudos Culturais na Educação pela Básica pela UFRGS/Brasil. Licenciada em História pela Faculdade Porto-Alegrense/Brasil. Foi professora de História, Filosofia e Geografia da rede pública de ensino do estado do Rio Grande do Sul/Brasil. Tem como interesses de pesquisa: ensino superior feminino, intelectualidade feminina, protagonismo de mulheres negras, história das mulheres e educação antirracista.

Resumo:

Dra. Julieta, como é conhecida em sua terra natal, foi a primeira mulher a licenciar-se e a praticar a medicina em São Tomé e Príncipe. Pertencente a uma família da classe média santomense, da qual fizeram parte nomes importantes da cultura e da imprensa, assim como do nacionalismo africano e da organização da nação pós-independência, ela é uma figura pouco estudada. Foi uma pioneira: nos anos em que frequentou a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (1950-51 a 1954-55) as alunas totalizavam, aproximadamente, 15% dos estudantes do curso médico. Além de ser mulher, ela era uma mulher negra nascida em uma então colônia portuguesa. Ao retornar para o arquipélago, no início dos anos 1960, assumiu funções na área da saúde até ocupar cargos de chefia, chegando ao planejamento do Ministério da Saúde e Assuntos Sociais da nação que se emancipara. Dada a relevância da sua trajetória e a necessidade de expor o protagonismo das mulheres, em especial das negras, este trabalho objetiva apresentar os principais aspectos dos percursos acadêmico e profissional da médica africana. Para isso, recorreu-se a fontes documentais diversas do Arquivo da Universidade de Coimbra (Certidões de Idade, Petições de matrícula, Processos de carta de curso), Anuários das universidades de Lisboa e Coimbra, periódicos, entre outros.

Palavras-chave: Julieta da Graça Pinto do Espírito Santo; mulheres pioneiras; protagonismo de mulheres negras; intelectualidade feminina.

Abstract:

Dr. Julieta, as she is known in her homeland, was the first woman to graduate and practice medicine in São Tomé and Príncipe. Belonging to a middle-class family from Santomean, which included important names in culture and the press, as well as in African nationalism and the organization of the post-independence nation, she is a little-studied figure. She was a pioneer: in the years that she attended the Faculty of Medicine of the University of Coimbra (1950-51 to 1954-55) female students accounted for approximately 15% of medical students. In addition to being a woman, she was a black woman born in what was a Portuguese colony. Upon returning to the archipelago, in the early 1960s, she took on functions in the health area, eventually occupying leadership positions, reaching planning at the Ministry of Health and Social Affairs of the nation that had emancipated itself. Given the relevance of her trajectory and the need to expose the protagonism of women, especially black women, this work aims to present the main aspects of the academic and professional paths of the African doctor. For this, various documentary sources from the Archive of the University of Coimbra were used (Age Certificates, Applications for Enrollment, Course Letter Processes), Yearbooks of the Universities of Lisbon and Coimbra, periodicals, among others.

Keywords: Julieta da Graça Pinto do Espírito Santo; pioneer women; protagonism of black women; female intellectuality

Referências bibliográficas:

Espírito Santo, J. G. P. (1971). Promoção social: aspectos da saúde. *A voz de São Tomé*, 989, 1.

Seibert, G. (2015). Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. *Anuário Antropológico*, 40(2), 99-120. Consult. 03 Jul 2023, <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6699/6669>

Universidade de Coimbra. (1953). *Anuário da Universidade de Coimbra: 1951-1952*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade.

seminário
MUSAS
EM AÇÃO

Mulheres: E Contudo, Elas Moveram-se (Ideias, Atos e Obras)

Maria Luísa Coelho (Univ. Oxford-CEHUM)

“Na Casa de Celestina: Paula Rego e a re-visão e (des)construção de arquétipos de género”

Rui Maia (FLUP-CITCEM)

“Helena Almeida: um corpo em escrita(s) de resistência(s)”

Marinela Freitas (FLUP - ILCML)

“Vem sentar-te comigo, Elídio, à beira do rio’: As irmãs de Fernando Pessoa”

Moderação: **Maria de Fátima Lambert**

Maria Luísa Coelho

“Na Casa de Celestina: Paula Rego e a re-visão e (des)construção de arquétipos de género”

Bio:

Luísa Coelho é leitora de Português na Universidade de Oxford, onde também leciona no Mestrado em Women Studies. Terminou recentemente o seu projeto de pós-doutoramento, intitulado *Artistas e Escritores Portugueses em Londres (1950-1986)* e participou no projeto WOMANART – Mulheres, Artes e Ditadura: os casos de Portugal, Brasil e países africanos de língua portuguesa, juntamente com colegas da Universidade do Minho. As suas publicações mais recentes incluem um volume especial da revista *Portuguese Studies*, dedicado a escritoras portuguesas transnacionais. Presentemente, está a co-editar um volume dedicado à escritora Ana Luísa Amaral (a publicar pela editora Peter Lang) e tem no prelo um capítulo sobre Paula Rego e representações do envelhecimento feminino.

Resumo:

Nesta comunicação pretendemos explorar a obra *A Casa de Celestina* (2000-01), de Paula Rego, enquanto exemplo paradigmático da re-visão do cânone literário efetuada por esta artista, bem como da (des)construção por esta efetuada de arquétipos de feminilidade dominantes no cânone literário e em discursos culturais mais amplos. Em particular, interessa-nos, primeiramente, discutir o retrato que Rego faz da prostituta envelhecida enquanto símbolo de força e sobrevivência femininas face às agruras da vida. Esta é uma temática recorrente na obra de Rego (destacando-se neste contexto a série sem título criada dois anos antes de *A Casa de Celestina* e em que a artista aborda o aborto ilegal), e que surge condensada em *A Casa de Celestina* através da compressão do tempo narrativo e do retrato simultâneo de Celestina em diferentes momentos da sua vida. Em segundo lugar, pintada quando a própria Paula Rego já tinha 65 anos, esta Celestina oferece um comentário poderoso e acutilante sobre a mulher envelhecida, dessa forma abordando e revendo discursos e representações patriarcais em torno deste arquétipo. De facto, nas mãos de Rego, Celestina transforma-se numa musa transgressiva e numa figura carnavalesca e grotesca que representa um princípio de revolucionária ambivalência. Finalmente, embora homens e mulheres pareçam coabitar na casa de Celestina, são as mulheres que se destacam, contrastando com a fraqueza, passividade e dependência masculinas. Esta casa é obviamente um gineceu,

onde os homens parecem e são tratados como intrusos, mas em que uma linhagem feminina está, ainda assim, carregada de tensão.

Abstract:

In this paper I wish to employ Paula Rego's *Celestina's House* (2000-1) as a paradigmatic example of this artist's re-vision of the literary canon, as well as of her (de)construction of the female archetypes dominating not only that literary canon but also cultural discourses at large. In particular, I want to, firstly, discuss Rego's portrayal of the aged procuress as a symbol of women's strength and survival against the hardships of life. This is a predominant theme in Rego's oeuvre (most notably in the *Untitled* series produced two years before *Celestina's House* and addressing illegal abortion), and one that is condensed in *Celestina's House* through the compression of narrative time and the portrayal of Celestina at several different stages of her life. Secondly, painted when the artist was already 65 years old, Rego's *Celestina* offers a powerful and incisive comment on the aging woman, thus addressing and revising patriarchal discourses and representations of this female archetype. Indeed, in Rego's hands Celestina becomes a transgressive muse and a carnivalesque-grotesque figure that represents a potentially revolutionary principle of ambivalence. Finally, although men and women seem to cohabit in Celestina's house, it is the women that stand out, against male weakness, passivity and dependence. This house is an obvious gynaeceum, where men look and are treated like intruders, but in which a matrilineal lineage is, nevertheless, also fraught with tension.

Rui Maia

“Helena Almeida: um corpo em escrita(s) de resistência(s)”

Bio:

Licenciado em Gestão do Património e História da Arte, pós-graduado em Museologia, Mestre em História da Arte Portuguesa e Doutor em Estudos do Património – História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a tese intitulada “[re]criação individual do mundo: - conceitos, expressões e formas nas obras plásticas de Julio/Saúl Dias e José Régio”. Membro integrado do TIH – Património Tangível e Imaterial do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Técnico Superior da Direção Regional da Cultura do Norte - Ministério da Cultura e Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Resumo:

Assumindo o corpo feminino, exposto e expressado por mulheres, como uma forma de escrita e resistência em arte, pretende-se um circuito entre a objetualização a que este se encontrou sujeito, ora manipulado pelo homem, ora manipulado pela própria mulher, consciente ou inconscientemente subjugada às forças de uma sociedade patriarcal, e um rompimento, sobretudo presente nas pós-décadas de 50 e 60 (dependendo das geografias da arte), na qual a libertação é simultaneamente artística e política ou vice-versa. Dentro deste circuito, considera-se o caso de Helena Almeida, desde as suas primeiras propostas, entre as quais “Tela Rosa para Vestir”, de 1969, a partir da qual, o corpo da própria artística é inequivocamente assumido como a matéria da sua arte, fixada, cristalizada, com uma forte dimensão estética, em diferentes suportes, com predominância pela fotografia, sem nunca, em nosso entender, a transformar numa fotografa. Várias dimensões de um corpo que escreve e resiste serão abordadas a partir do corpus artístico de Helena Almeida, atentos, ora à escrita da palavra sobre o seu próprio corpo, ora a uma impossibilidade de dar dimensão sonora a essa mesma palavra, da qual a obra “Sente-me, Ouve-me, Vê-me”, de 1979-1980, é paradigmática. Uma e outra dotadas de fortes dimensões políticas. Nesta reflexão importa considerar o papel atribuído à figura masculina – Artur Rosa -, no processo artístico de Helena Almeida, numa produção com fortes possibilidades, em diversos casos, de ser percecionada como obra colaborativa, até mesmo por este ser seu parceiro, arquiteto e escultor, mas que, de forma manifesta, lhe cabe uma dimensão meramente operativa

de “disparar” a câmara fotográfica. Torna-se, esta também, uma forma de escrita e resistência que apesar de circunscrita às práticas artísticas implica fortes dimensões políticas e sociais a considerar.

Palavras-Chave: Corpo Feminino, Escrita, Resistência, Helena Almeida.

Abstract:

Considering female body, exhibited and expressed by women, as a form of writing and resistance in art, it is intended a circuit between the objectification to which it was subjected, sometimes manipulated by men, sometimes by women themselves, consciously or unconsciously subjugated to forces of a patriarchal society, and a rupture, especially after the 1950s and 1960s (depending on the geography), in which liberation is simultaneously artistic and political, or vice-versa. Within this circuit, the case of Helena Almeida is considered, since her first proposals, including "Tela Rosa para Vestir" (1969), from which the body of the artist herself is unequivocally assumed as the matter of her work, fixed, crystallized, with a strong aesthetic dimension, in different expression forms, with a predominance of photography, without ever transforming her into a photographer. Several dimensions of a body that writes and resists were addressed from her artistic corpus, attentive to the writing of words on her own body, and to an impossibility of giving a sound dimension to those, of which the work "Sente-me, Ouve-me, Vê-me" (1979-1980) is paradigmatic, full of strong political dimensions. Within this reflection, it is important to consider the role she attributes to the male figure – Artur Rosa – in a work with strong possibilities of being perceived as collaborative, as he was her partner, an architect and a sculptor, even though he only had an operative dimension of taking the picture. This also becomes a form of writing and resistance that, although circumscribed to artistic practices, implies strong political and social dimensions to consider.

Keywords: Female body, writing, resistance, Helena Almeida.

Marinela Freitas

“Vem sentar-te comigo, Elídio, à beira do rio’: As irmãs de Fernando Pessoa”

Bio:

Marinela Freitas é Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras do Porto. É membro da Direção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML), onde coordena a linha de investigação Intersexualidades. É autora de *Emily Dickinson e Luiza Neto Jorge: Quantas Faces?* (Afrontamento, 2014), pelo qual recebeu o Prémio PEN Clube - Ensaio 2015. Tem várias outras publicações na área da Literatura Comparada, dos Estudos Feministas e dos Estudos da Utopia. Desde 2015, integra a Equipa de Coordenação de *She Thought It: Crossing Bodies in Sciences and Arts*, uma base de dados dedicada a mulheres pioneiras nas áreas das ciências, das artes e da literatura (<https://shethoughtit.ilcml.com/>), alojada no ILCML.

Resumo:

Quando em 1929, Fernando Pessoa e António Botto editam, em Lisboa, a Antologia de Poemas Portugueses Modernos, Virginia Woolf publica, em Londres, o seu célebre livro *A Room of One's Own*, no qual reflete sobre como teria sido a vida da irmã de William Shakespeare caso ela tivesse existido e tivesse revelado o mesmo talento literário do irmão. Inspirada nesse exercício feminista especulativo, esta comunicação propõe que pensemos o que teria acontecido se as três irmãs de Fernando Pessoa (Maria Clara, Henriqueta e Madalena) se tivessem revelado, tal como o irmão, génios poéticos modernistas. Que obstáculos teriam tido de enfrentar? Seriam elas incluídas na antologia de Pessoa e Botto? E que consequências teria a sua existência para a história literária e cultural portuguesa do século XX?

Abstract:

In the same year that Fernando Pessoa and António Botto published the Anthology of Modern Portuguese Poems in Lisbon, Virginia Woolf published, in London, her famous book *A Room of One's Own*, in which Woolf reflected on what life would have been like for William Shakespeare's sister if she had existed and had revealed the same literary talent as her brother. Inspired by this speculative feminist exercise, this paper proposes that we think about what would have happened if Fernando Pessoa's three sisters (Maria

Clara, Henriqueta and Madalena) had turned out to be modernist poetic geniuses like their brother. What obstacles would they have had to face? Would they have been included in Pessoa and Botto's anthology? And what consequences would their existence have for 20th century Portuguese literary and cultural history?

Moderação - Maria de Fátima Lambert

Maria de Fátima Lambert nasceu, vive e trabalha no Porto. Doutorada em Estética (Filosofia) - Faculdade de Filosofia de Braga/ Universidade Católica Portuguesa. Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação / Politécnico do Porto, onde coordena a licenciatura Gestão do Património e o Mestrado Património, Artes e Turismo Cultural. Bolseira FCT projeto "Writing and Seeing" (2000-2004). Coordena a linha investigação "Cultura, Artes e Educação do InED - Centro de Investigação e Inovação em Educação, de que foi diretora até 2017. Membro da AICA (Portugal). Curadora Independente, privilegiando o eixo Portugal-Brasil-Espanha. Keynote Speaker, autora de vários livros, monografias e de textos em revistas científicas.

seminário
MUSAS
EM AÇÃO

Mulheres: Escrita e Resistência II

Mafalda Pereira (FLUP-ILCML)

“Desacertos binários: A importância do amor em Ana Luísa Amaral e Cláudia Varejão”

Helena I. Lopes (FLUP - ILCML/CEI)

“Pequenas criaturas: antiespecismo na poesia de Adília Lopes e de Ana Luísa Amaral”

Marta Rema (Revista Electra)

“A recusa de não poder recusar”

Hugo Amaral (FLUC)

“Passagens da língua à différance sexual. Da tradução no feminino (Brossard) ao feminino em tradução (Derrida)”

Moderação: **Inês Cardoso**

Mafalda Pereira

“Desacertos binários: A importância do amor em Ana Luísa Amaral e Cláudia Varejão”

Bio:

Mafalda Pereira é licenciada em Estudos Portugueses pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi recentemente admitida ao Curso de Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Resumo:

Em “The Dying Animal”, Ana Luísa Amaral celebra o seu amor pela sua cadela, propondo que a beleza desta ligação afetiva deriva de um “desacerto binário” (Amaral, 2014, p. 10). Também em Amor Fati (2020), Cláudia Varejão documenta o quotidiano de relações provenientes de um “desacerto binário”. A cineasta elabora o retrato de casais, de famílias e de animais com os seus donos, captando diferentes formas de viver a intimidade e propondo conexões entre elas através da montagem. Assim, esta proposta de comunicação pretende evidenciar como estas duas artistas, Ana Luísa Amaral e Cláudia Varejão, desafiam a perspetiva patriarcal e heteronormativa do amor, revelam a potência da criação de redes de afeto perante as ameaças da precariedade social e a vulnerabilidade humana, e propõem uma reaprendizagem da dinâmica dos afetos.

Palavras-chave: Amor; Afeto; Precariedade Social; Vulnerabilidade Humana; Poesia Portuguesa Contemporânea; Cinema Português Contemporâneo.

Abstract:

In “The Dying Animal”, Ana Luísa Amaral celebrates her love for her dog, proposing that the beauty of their affective bond derives from a “binary mismatch” (Amaral, 2014, p. 10). In Amor Fati (2020), Cláudia Varejão similarly documents the everyday side of relationships produced by a “binary mismatch”. Varejão presents couples, families, and animals with their owners, capturing different ways of experiencing intimacy and proposing connections between them through montage. Thus, this paper aims to show how both artists, Ana Luísa Amaral and Cláudia Varejão, challenge the patriarchal and

heteronormative perspective of love, reveal the power that the creation of networks of affection can have when facing the threats of social precarity and human vulnerability, and propose a relearning of the dynamics of affection.

Keywords: Love; Affect; Social Precarity; Human Vulnerability; Contemporary Portuguese Poetry; Contemporary Portuguese Cinema.

Referências bibliográficas:

Amaral, A. L. (2022). *O Olhar Diagonal das Coisas*. Porto: Assírio & Alvim.

Amaral, A. L. (2014). "The Dying Animal". In *Do Branco ao Negro* (pp. 9-13). Porto: Sextante.

Butler, J. (2006). *Precarious Life. The Powers of Mourning and Violence*. London/New York: Verso.

Varejão, C. (2020). *Amor Fati*. Lisboa: Terratrema. 1h 42min.

Helena I. Lopes

“Pequenas criaturas: antiespecismo na poesia de Adília Lopes e de Ana Luísa Amaral”

Bio:

Helena I. Lopes é mestre em Intercultural Studies for Business (ISCAP, P. Porto) e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da U. Porto, tendo concluído também o ano curricular do Programa Doutoral em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas na U. Minho. É doutoranda em Estudos Literários na U. Vigo, onde prepara uma dissertação intitulada “Em casa com gatos e baratas: Antiespecismo na poesia de Adília Lopes”. Enquanto colaboradora do ILCML (Universidade do Porto) e do CEI (Politécnico do Porto), publicou sobre Literatura, Cinema e Estudos Culturais em 6 livros, 6 revistas académicas e 2 jornais. A sua prática docente é enformada pela atividade científica em Intermedialidade e pela experiência de dinamização de eventos culturais.

Resumo:

A poesia de Adília Lopes é frequentemente protagonizada por pequenas criaturas como gatos, baratas e pardais que descentram a figura humana desconstruindo a primazia da racionalidade e assim desafiando a crença no excecionalismo humano rumo a uma epistemologia não-especista. O poema que toma o nome de "Autobiografia sumária" opera provocatoriamente uma metalepse da autora, fazendo-a substituir pelos atos lúdicos dos gatos e baratas que habitam a casa, cena da escrita poética. Cerzidos ao eu poético através do possessivo, o gato simboliza a sua astúcia, enquanto a barata significa a sua resiliência. O jogo repetitivo e predatório entre ambas as espécies caracteriza o fazer poético lúdico de Adília Lopes, reconfigurando-se o tropo da musa a partir da animalidade doméstica. O protagonismo dos animais em quarenta e cinco poemas de Ana Luísa Amaral milita na sua operação de subversão – ao invés de transgressão – da tradição ocidental. O gesto dickinsoniano de capturar o olhar oblíquo das coisas leva também Amaral a registar os movimentos de pequenas criaturas do reino animal a quem concede glórias épicas, sobretudo em Mundo (2021). No poema “Matar é fácil” (2017), o sujeito poético reflete sobre a leviandade com que eliminou um mosquito, sem deixar de cantar e honrar o cadáver do minúsculo ser ao inscrevê-lo numa poética rede fluida e desierarquizada de criaturas naturais na qual o ser humano

não ocupa um lugar privilegiado, abrindo portas para modalidades de leitura pós-humanistas.

Palavras-chave: Adília Lopes; Ana Luísa Amaral; antiespecismo; excecionalismo humano; pós-humanismo.

Abstract:

The poetry of Adília Lopes often features small creatures such as cats, cockroaches and sparrows which decentre human figure deconstructing the primacy of reason and thus challenging a belief in human exceptionalism towards an antispeciesist epistemology. The poem entitled "Summary autobiography" provocatively engenders a metalepsis of the author, replacing her by the playful actions of the cats and cockroaches that inhabit the house, the scene of poetic writing. Knitted to the poetic subject through possessive pronouns, the cat symbolises cunning, whereas the cockroach signifies resilience. The repetitive and predatory game between both species characterises the ludic poetic weaving of Adília Lopes, while the muse trope is reconfigured through domestic animality. The protagonism of animals in forty-five poems by Ana Luísa Amaral partakes in her operation of subversion – instead of transgression – of Western tradition. The Dickinsonian gesture of capturing the slant gaze of things prompts Amaral to register the movements of small creatures of the animal kingdom to whom she grants epic glories, especially in *Mundo* (2021). In the poem "It is easy to kill" (2017), the poetic subject reflects on the levity with which she has killed a mosquito, while singing and honouring the corpse of the tiny being by inscribing it in a fluid and non-hierarchical poetic network of natural creatures in which human being does not occupy a privileged role, thus triggering post-humanist modalities of reading.

Keywords: Adília Lopes; Ana Luísa Amaral; antispeciesism; human exceptionalism; post-humanism.

Referências bibliográficas:

Cudworth, E. (2014). "Beyond speciesism: intersectionality, critical sociology and human domination of other animals", in Nick Taylor & Richard Twine (eds.), *The rise of Critical Animal Studies*. London: Routledge, pp.19-35.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1980). *Mille Plateaux. Capitalisme et Schizophrénie 2*. Paris: Minuit.

Lima, I. M. (2019). A intertextualidade ecofeminista e queer na obra de Ana Luísa Amaral [Dissertação de Doutoramento]. Massachusetts: University of Massachusetts Dartmouth.

Ramalho, M. I. (2022). “A arte de dizer ‘não’”. *Jornal de letras, artes e ideias* 1353. Dir. José Carlos de Vasconcelos. 10 Agosto: 15-16.

Singer, P. (2006). “Introduction”, in Singer, P. (ed.), *In Defense of Animals: The Second Wave*. Oxford: Blackwell, pp.1–10.

Marta Rema

“A recusa de não poder recusar”

Bio:

Marta Rema (Torres Novas, 1976) escreve, é coordenadora editorial da revista *Electra*, curadora e programadora de projetos multidisciplinares, tendo criado e dirigido recentemente os programas "Atlas da Solidão" e "As coisas fundadas no silêncio". Com formação em Filosofia e em Estudos Curatoriais, atualmente trabalha acerca de sistemas de resistência à opressão e ao capitalismo, tendo colocado a investigação sobre o silêncio e a solidão no núcleo desses dispositivos. Os seus contos e ensaios estão publicados em diversas plataformas online e periódicos. Escreve desde 2010 no seu blogue fogoslocais.blogspot.com.

Resumo:

Com o ainda magro espaço que a pulso têm vindo a conquistar, as mulheres estão a forçar a reavaliação e a expansão dos cânones literários através da legitimação de géneros antes considerados "não-literários", de que a literatura infantil, diários, cartas, a auto-ficção, entre outros, são exemplos. A consciência inegável de que a literatura se mostra, se faz nestes textos, é ao mesmo tempo um indício sobre a literatura ela própria: a sua incompletude imanente reclama-se de uma liberdade total e implica a alienação de todos os poderes opressores. A criação é anarquista. Violenta, apocalíptica e amoral, a escrita das mulheres parece tender para um entendimento — ou uma busca — da suspensão do juízo moral. Não obstante a exposição de aspetos próprios da realidade feminina ser reiteradamente considerada de mau gosto, a legitimidade da sua arte assenta naquilo que é autêntico no seu mundo e não naquilo que é convencional, lógico ou sequer lícito, bem como na indelével força de algo que está na raiz do seu trabalho: o reconhecimento da excecionalidade de ter uma voz. Aquilo que exemplos como Rachel Cusk, Elena Ferrante e Annie Ernaux, mas também Fough Farrokhzad ou Tove Ditlevsen parecem demonstrar é que em relação ou não, pobres ou ricas, instruídas ou ignorantes, com ou sem filhos, rebeldes ou submissas, vivemos todas num mundo marcado pela dominação masculina e enfrentamos quotidianamente a necessidade de reclamar o nosso lugar. A escrita é a nossa recusa de não poder recusar.

Palavras-chave: recusa, voz, literatura, incompletude, juízo

Abstract:

With the still thin space that they have been conquering by their own boot-straps, women are forcing the re-evaluation and expansion of literary canons through the legitimisation of genres previously considered "non-literary", of which children's literature, diaries, letters, auto-fiction, among others, are examples. The undeniable awareness that literature shows itself, that it takes place in these texts, is at the same time a clue about literature itself: its immanent incompleteness claims total freedom and implies alienation from all oppressive powers. Creation is anarchist. Violent, apocalyptic and amoral, women's writing seems to tend towards an understanding — or a search — for the suspension of moral judgement. Although exposing aspects of women's reality is repeatedly considered to be of bad taste, the legitimacy of their art is based on what is authentic in their world and not on what is conventional, logical or even licit, as well as on the indelible strength of something that is at the root of their work: recognising that having a voice is exceptional. What examples such as Rachel Cusk, Elena Ferrante and Annie Ernaux, but also Forough Farrokhzad or Tove Ditlevsen, seem to show is that whether we're in a relationship or not, poor or rich, educated or ignorant, with or without children, rebellious or submissive, we all live in a world characterised by male domination and face the daily need to reclaim our place. Writing is our refusal of not to be able to refuse.

Keywords: refusal, voice, literature, incompleteness, judgement.

Referências bibliográficas:

Cusk, Rachel, Coventry, Faber, Londres, 2019.

Deleuze, Gilles, Critique et Clinique, Les Éditions de Minuit, coleção Paradoxe, Paris, 1993.

Ditlevsen, Tove, A Trilogia de Copenhaga – Infância; Juventude; Relações Tóxicas [Barndom; Ungdom; Gift], Dom Quixote, Lisboa, 2022.

Ernaux, Annie, L'Événement [O Acontecimento], Gallimard, Paris, 2000.

Farrokhzad, Forough, Khaneh Siah Ast [A Casa é Negra], Golestan-Film, 22 minutos, Irão, 1962.

Ferrante, Elena, As Margens e a Escrita, Relógio d'Água, Lisboa, 2022.

Hugo Amaral

“Passagens da língua à différence sexual. Da tradução no feminino (Brossard) ao feminino em tradução (Derrida)”

Bio:

Professor, investigador e tradutor, Hugo Amaral é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, pós-graduado em Estudos Anglo-Americanos e em Estudos Transdisciplinares Linguagens, Identidades e Mundialização pela FLUC. Doutorando em Filosofia (área da Desconstrução), também pela FLUC, com os apoios do Instituto de Investigação Interdisciplinar da UC e da Fundação Calouste Gulbenkian, ultima presentemente a sua tese, sob o título «Derrida, a escrita ou o desejo em tradução». É membro colaborador da Unidade de Investigação & Desenvolvimento do Instituto de Estudos Filosóficos e do Atelier Leitura e Tradução em Desconstrução da FLUC. Coordenou o projecto de investigação «Representações e Experiências da Leitura» (IPV/Fundação Lapa do Lobo). Escreveu para o Dictionnaire des Femmes Créatrices e co-organizou o Colóquio Internacional «Heranças e Promessas da Desconstrução» e as Jornadas Internacionais «Escrita's da Resistência» na FLUC. Traduziu, com Fernanda Bernardo e Gonçalo Zagalo, Vadios, de Jacques Derrida. De Nicole Brossard, traduziu O Deserto Malva e Vasta Complicação da Beleza.

Resumo:

A passagem, tão decisiva quanto provocadora, de uma resposta em carta de Jacques Derrida a Verena Andermatt Conley – «[...] a verdade da différence sexual. Não sei como vai traduzir isso. E o que passa da língua à différence sexual, é para ser traduzido?» – ressoa como um exergo que nos apela a ler e a pensar, no rastro de Derrida, o feminino em tradução ou em desconstrução – à prova do intraduzível a-traduzir, justamente. Estará assim em questão, por um lado, perceber a diferença sexual pela relação de ex-apropriação in-finita com a língua do outro, como movimento in-finito de referência da différence: différence sexual seria assim como que a passagem da diferença sexual pela língua e da língua pela diferença sexual, uma imbricada na outra e no desvio do outro, razão pela qual, como diz, escreve e ensina Derrida, não há diferença sexual sem rastro, nem rastro que não seja já marcado pela diferença sexual. Por outro lado, será preciso perceber que a différence sexual, já sempre prometida à tradução e à leitura, como escreve Derrida em «Fourmis», é um outro nome do feminino pensado como outro, pré-dual e pré-hierárquico, pensado para além dos feminismos

essencializantes: Derrida pede assim emprestada a palavra «feminino» para lhe lembrar o limite da conceptualização, para questionar radicalmente as determinações biológicas, ontológicas, sociológicas e antropológicas que a fundam, inclusive a conotação e o aprisionamento ao essencialismo correlativo com o sentido (de feminidade) e com o valor de verdade. Mas se, afinal, não há verdade da diferença sexual (sem reenvio ao outro), se o feminino escapa a uma tradução universalizante ou a um conceito universalizável, como pensar a tradução no feminino (intralinguística e interlinguística)? Apelada por uma consciência feminista ainda inscrita numa certa escrita feminina, visará a dita tradução no feminino, muitas vezes confundida com uma prática agressiva ou excessiva, a invenção de idiomas sexuais, «inventar uma outra inscrição [...], um outro deslocamento dos corpos e dos lugares» tradicionalmente subordinados à ordem masculina, ou será que o desejo de visibilidade que a move, para além de ampliar os desafios e os diferendos entre feminismos e a Desconstrução, se confunde ainda com uma espécie de reapropriação idealizante, com uma operação de autonomia ginocêntrica reivindicativa da Verdade, segundo a qual o gesto de dar a ler a mulher silenciada se confundiria com uma inversão do interior da língua falocêntrica? Como bem ler, pois, a marca inventiva deixada na língua herdada por Nicole Brossard quando contra-assina com um «“e” mudo», marca do feminino na gramática francesa, o tecido do discurso patriarcal, como em «masculin grammaticale» e «vrai(e)ment»? E como pensar a relação, a havê-la, entre este «“e” mudo» de Brossard e o «a mudo» da *différance* (sexual) para além do «ver» e da verdade?

Palavras-chave: *différance*, feminino, língua, tradução, Derrida, Brossard

Abstract:

A passage from a letter from Jacques Derrida in reply to Verena Andermatt Conley – “[...] the truth of sexual *différance*. I do not know how you are going to translate that. And what passes from language through sexual *différance*, is that to be translated?” –, being as decisive as it is provocative, resonates like an exergue that calls us to read and think, in the wake of Derrida, the feminine in translation or in deconstruction – to the test of the untranslatable yet-to-translate. It will therefore be a question, on the one hand, of understanding sexual difference through the relation of an in-finite ex-appropriation with the language of the other, as an in-finite movement of reference of *différance*: sexual *différance* would then be like the passage of sexual difference through language and of language through sexual difference, both deeply imbricated in one another, and in the deviation of the other, which is why, as Derrida says, writes and teaches, there is no sexual difference without a trace, nor a trace that is not already marked by sexual

difference. On the other hand, one must realise that sexual *différance*, which is always already promised to translation and reading, as Derrida writes in “Fourmis”, is another name for the feminine thought of as a pre-dual and pre-hierarchical other, beyond the essentialising feminisms: Derrida thus borrows the word “feminine” to remind us of the limits of its conceptualisation, to radically question the biological, ontological, sociological and anthropological determinations that lie beneath it, including its connotation and imprisonment to an essentialism correlated with meaning (of femininity) and truth value. But if, after all, there is no truth to sexual difference (without a sending back and again to the other), if the feminine escapes a universalising translation or a universalisable concept, how should we think of (intra- and interlinguistic) translation in the feminine? Being at the same time called by a feminist consciousness that is still inscribed in a certain feminine writing, would then the aim of translation in the feminine, which is often mistaken for an aggressive or excessive practice, be to invent sexual languages, “to invent another inscription [...], another displacement of bodies and places” traditionally subordinated to the masculine order, or could it be that the desire for visibility that drives it, besides broadening the challenges and differences between feminisms and Deconstruction, also merges with a kind of idealising reappropriation, with a gynocentric autonomy operation claiming the Truth, according to which the gesture that allows women to be seen and heard still blends with an inversion of the interior of phallogocentric language? How to read the inventive mark left by Nicole Brossard on the inherited language, when she countersigns patriarchal discourse with a “mute ‘e’”, the mark of the feminine in French grammar, as in “masculin grammaticale” and “vrai(e)ment”? And how to think the relationship, if there is one, between this Brossardian mute “e” and the mute “a” of (sexual) *différance* beyond “seeing” and truth?

Keywords: *différance*, feminine, language, translation, Derrida, Brossard.

Referências bibliográficas:

Bernardo, F., «Dar à língua & Feminizar». *Cixous – Derrida: da diferença sexual às diferenças sexuais*, in *Idiomas da diferença sexual*. Trad. Fernanda Bernardo. Coimbra: Palimage, 2018. pp. 87-115.

Brossard, N., *Le centre blanc – poèmes 1965-1975*, Montréal: L’Hexagone, 1978.

Brossard, N., «E muet mutant», in *Double impression, poèmes et textes 1967-1984*, Montréal: L’Hexagone, 1984, pp. 51-70.

Brossard, N., *La lettre aérienne*, Montréal: Éditions du Remue-Ménage, 1988 [1985].

Derrida, J., «Chorégraphies», in *Points de suspension. Entretiens*, Ed. E. Weber, Paris: Galilée, 1992, pp. 95-115.

Derrida, J., «Voice II», in *Points de suspension. Entretiens*, Ed. E. Weber, Paris: Galilée, 1992, pp. 167-181.

Derrida, J., «Fourmis», in *Lectures de la différence sexuelle*. Ed. Mara Negrón, Paris: Ed. des Femmes, 1994, pp. 69-102.

Moderação - **Inês Cardoso**

Inês Cardoso é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Concluiu, na mesma instituição, a licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (Plano Bidisciplinar Português / Inglês) e o mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes (Ramo de Estudos Comparatistas e Relações Interculturais), apresentando uma dissertação intitulada O futuro já mostra que ontem foi há muito tempo: A resistência à globalização em Alberto Pimenta (2016). Atualmente, encontra-se a concluir uma tese de doutoramento em torno das obras de Salette Tavares e António Aragão, projeto pelo qual lhe foi atribuída uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). É investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML) e membro da equipa editorial da Revista Interartes SKHEMA [www.skhemagazine.com].

seminário
MUSAS
EM AÇÃO

CONFERÊNCIA PLENÁRIA II

“Mulheres portuguesas em viagem, com livros de viagem: alguns apontamentos”

Fátima Outeirinho (FLUP – ILCML)

Moderação: **Marinela Freitas** (Univ. Porto - ILCML)

Fátima Outeirinho

“Mulheres portuguesas em viagem, com livros de viagem: alguns apontamentos”

Bio:

Maria de Fátima Outeirinho é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde leciona nas áreas dos Estudos Franceses e da Literatura Comparada, tendo-se doutorado precisamente nesta última área de conhecimento com uma tese sobre *O Folhetim em Portugal no Século XIX: uma nova janela no mundo das letras* (2003). Entre 2019 e 2021, coordenou o grupo Inter/transculturalidades no quadro do projecto *Literatura e fronteiras do conhecimento: políticas de inclusão* do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, unidade da qual é coordenadora científica desde 2022. É neste âmbito que desenvolve investigação, nomeadamente no domínio da Literatura de Viagens, campo também de docência. Tem como principais domínios de investigação a Literatura Comparada, Literatura e Cultura Francesas (Séculos XVIII e XIX), Relações Literárias e Culturais Portugal-França, Estudos sobre as Mulheres, Literatura de Viagens. É autora e organizadora de diversos estudos críticos nestes domínios.

Maria de Fátima Outeirinho is an Associate Professor at the Faculty of Arts of the University of Porto, where she teaches in the fields of French Studies and Comparative Literature, having a PHD precisely in the latter with a thesis on *O Folhetim em Portugal no Século XIX: uma nova janela no mundo das letras* (2003). From 2019 to 2021, she coordinated the *Intertransculturalities* group within the framework of ILCML's strategic project, *Literature and the frontiers of knowledge: politics of inclusion*. She is currently the scientific coordinator of ILCML. Her main research domains are Comparative Literature, French Literature and Culture (18th and 19th Centuries), Literary and Cultural Relations between Portugal and France, Studies on Women, Travel Literature (also a field of teaching). She is the author and organizer of several critical works in these fields.

Resumo:

Em artigo recente de 2022, “Viagem na Belle Époque: os portugueses e o estrangeiro”, é de novo lembrada a escassez de textos de viagens de mulheres que viajaram, nomeadamente nessa época. Com efeito, Maria João Castro lembra tão só duas mulheres portuguesas, escritoras do século XIX: Guiomar Torrezão e Maria Amália Vaz de Carvalho, a primeira com *A Grande Velocidade* (notas de gare) e *Paris, impressões de viagem*; a segunda com *Pelo mundo fora*. As suas experiências de viagem e respetivos relatos situam-se nas últimas décadas de Oitocentos. Para além de, num primeiro momento, desenvolvermos uma abordagem contextual sobre esta (in)visibilidade viática no feminino, procuraremos, num segundo momento, atentar, de modo problematizador, em processos textuais de (in)visibilidade autoral (representações da autora empírica, modelos genológicos adotados) e de modos de atenção ao feminino na paisagem cultural na qual se inscrevem e / ou de que fazem a experiência.

Abstract:

In a recent article from 2022, “Travel in the Belle Époque: the Portuguese and the foreigner”, the scarcity of travel texts by women who traveled, particularly at that time, is once again recalled. In fact, Maria João Castro only refers to two Portuguese women, writers from the 19th century: Guiomar Torrezão and Maria Amália Vaz de Carvalho, the first with *A Grande Velocidade* (notes de gare) and *Paris, impressões de viagem*; the second with *Pelo mundo fora*. Their experiences and respective reports date back to the last decades of the 19th century. In addition to developing a contextual approach to this viatic (in)visibility in the feminine, we will seek, in a problematizing way, to pay attention to textual processes of authorial (in)visibility (representations of the empirical author, genological models adopted) and ways of paying attention to the feminine in the cultural landscape in which they are inscribed and/or have experienced.

Moderação - **Marinela Freitas**

Marinela Freitas é Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras do Porto. É membro da Direção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML), onde coordena a linha de investigação Intersexualidades. É autora de *Emily Dickinson e Luiza Neto Jorge: Quantas Faces?* (Afrontamento, 2014), pelo qual recebeu o Prémio PEN Clube - Ensaio 2015. Tem várias outras publicações na área da Literatura Comparada, dos Estudos Feministas e dos Estudos da Utopia. Desde 2015, integra a Equipa de Coordenação de *She Thought It: Crossing Bodies in Sciences and Arts*, uma base de dados dedicada a mulheres pioneiras nas áreas das ciências, das artes e da literatura (<https://shethoughtit.ilcml.com/>), alojada no ILCML.

PENÉLOPE, A TECELÃ DE PALAVRAS

04.11.2023 — 29.12.2023



ROSANA

RICALDE

@INSTITUTO PERNAMBUCO PORTO-BRASIL

RUA DAS ESTRELAS, 143
CAMPO ALEGRE
PORTO
PORTUGAL

CURADORIA: MARIA DE FÁTIMA LAMBERT

U PORTO

COSO
COMUM

ESCALA
CURSOS DE
BIBLIOTECA
POLI-TÉCNICA
DE PORTO

U PORTO
FLEUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE PORTO

XX ILCM

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

INSTITUTO
PERNAMBUCO
PORTO-BRASIL

3
+1

EXPOSIÇÃO DE ROSANA RICALDE

Penélope, a tecelã de palavras

Bio:

Rosana Ricalde (1971, Niterói) vive e trabalha em Coimbra. Através da sua prática, Rosana Ricalde tem incorporado elementos de texto e usado a caligrafia para construir formas que nos fazem questionar as fronteiras entre poesia visual e desenho. Fazendo-o, a artista revela a linguagem secreta e histórias associadas, que atravessam o tempo enquanto ecoam civilizações, estórias e histórias de outros mundos. Obteve o seu Bacharelado em Gravura na Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2008 fez uma residência artística na V Bienal de Arte e Cultura, São Tomé e Príncipe e em Eko Susak, Ilha de Susak, Croácia, e em 2005 no Perambulações, Roterdão, Holanda. Foi premiada na 3ª edição do Prémio CNI, SESI Marcantonio Vilaça. Entre as suas exposições individuais e coletivas destacam-se: Desenhos para coser sem agulha, Quarto 22 Colégio das Artes, Coimbra (2023); Trama e Urdidura, Galerie Andres Thalman, Zurich (2022); Ponto, linha, tecitura, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa (2020); FPM#1: Obras da Coleção PLMJ, Fundação PLMJ, Lisbon (2019); Rios do Rio, National History Museum, Rio de Janeiro, Brazil (2019); Palavras Compartilhadas, SESC Cultura, Mato Grosso & SESC Corumbá, Brazil (2018); O tecido de Penélope, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa, Portugal (2016); The Art of Storytellers, curadoria de Selene Wendt, MAC Niterói, Brasil (2016); Mind the Map, Galleri F15 Punkt ø, Moss, Noruega (2014); The Storytellers: Narratives in International Contemporary Art, Stenersen Museum, Oslo, Noruega (2012); Aurora, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2012); Territórios Imaginários, Museu de Arte Murilo Mendes, Juiz de Fora, Brasil (2012); As Cidades Invisíveis, Art Positions, Art Basel Miami Beach, Miami, EUA (2011); MAPPAMUNDI, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2011); Entre Abierto, Bienal de Cuenca, Equador (2011); Ya sé leer, Centro de Arte Contemporâneo Wilfredo Lam, Havana, Cuba (2011); e O Lugar da Linha, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Brasil (2010). As suas obras fazem parte de coleções públicas e privadas internacionais tais como: Museu de Arte Contemporânea Dragão do Mar, Fortaleza, Brasil; Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, Recife, Brasil; Coleção Gilberto Chateaubriand, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brasil; Coleção Banco Itaú SA, São Paulo, Brasil; Coleção SESC Nacional, Brasil; Colección Patricia Phelps de Cisneros NY/Caracas; Colección FEVAL, Espanha; Colección Otazu, Espanha; e Fundação PLMJ, Lisboa, Portugal.

Curadoria - **Maria de Fátima Lambert**

Maria de Fátima Lambert nasceu, vive e trabalha no Porto. Doutorada em Estética (Filosofia) - Faculdade de Filosofia de Braga/ Universidade Católica Portuguesa. Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação / Politécnico do Porto, onde coordena a licenciatura Gestão do Património e o Mestrado Património, Artes e Turismo Cultural. Bolseira FCT projeto "Writing and Seeing" (2000-2004). Coordena a linha investigação "Cultura, Artes e Educação do InED - Centro de Investigação e Inovação em Educação, de que foi diretora até 2017. Membro da AICA (Portugal). Curadora Independente, privilegiando o eixo Portugal-Brasil-Espanha. Keynote Speaker, autora de vários livros, monografias e de textos em revistas científicas.